

Relatório de Estágio. Paulo André Horta Rodrigues. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa



centro
de
documentação

RE (ARQ)
62

Faculdade de Engenharia, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa



FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



0990012030

FACULDADE DE ARQUITECTURA
05986
(Centro de Documentação)

INDICE

1. Introdução

2. Contextualização

3. Arquitectura

3.1. Decisão 1

- Projecto de um Estádio de Auditórium para a CESPJ, Monte da Caparica

Relatório de Estágio. Paulo André Horta Rodrigues. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

3.2. Decisão 2

- Concurso público internacional no âmbito da U.E. para a elaboração do projecto do Centro de Exposições e Congressos do Estoril, Estoril

3.3. Decisão 3

- Denografia da ópera "Les Troyens" de Berlioz - 2ª parte - "Les Troyens à Carthage", Teatro Nacional de S. Carlos, Lisboa

- Denografia do programa de televisão "Hármón 85", RTP

4. Conclusão

5. Bibliografia

INDICE

1 . Introdução

2 . Contemporânea

3 . Arquitecturas

3.1 . *Dictum* nº1

- Projecto de um Edifício de Auditórios para o CESPU, Monte da Caparica

3.2 . *Dictum* nº2

- Concurso público internacional no âmbito da U.E. para a elaboração do projecto do Centro de Exposições e Congressos do Estoril, Estoril

3.3 . *Dictum* nº3

- Cenografia da ópera "Les Troyens" de Berlioz - 2ª parte - "Les Troyens à Carthage", Teatro Nacional de S. Carlos, Lisboa

- Cenografia do programa de televisão "Herman 98", RTP

4 . Conclusão

5 . Bibliografia

1. Introducción

El presente trabajo tiene como objetivo principal analizar el rol de la tecnología en el desarrollo de las organizaciones, considerando tanto los aspectos teóricos como prácticos. Se abordará el impacto de la tecnología en la productividad, la innovación y la competitividad de las empresas, así como los desafíos que plantea para el personal y la gestión organizacional.

En primer lugar, se definirá el concepto de tecnología y se explorará su evolución a lo largo del tiempo. Se analizará cómo la tecnología ha transformado los procesos de producción y la prestación de servicios, así como su influencia en la creación de nuevos productos y servicios. Se discutirán también los aspectos éticos y sociales asociados con el uso de la tecnología en el entorno organizacional.

Finalmente, se presentarán algunas conclusiones y se ofrecerán recomendaciones para que las organizaciones aprovechen al máximo las oportunidades que ofrece la tecnología.

A lo largo del trabajo se utilizarán ejemplos de empresas líderes en su sector para ilustrar el uso exitoso de la tecnología. Se explorarán casos de éxito y se analizarán los factores que contribuyeron a su éxito. Asimismo, se discutirán los desafíos que enfrentan las organizaciones al implementar nuevas tecnologías y se ofrecerán estrategias para superarlos.

El trabajo está estructurado en cinco capítulos. El primer capítulo introduce el tema y establece el marco teórico. El segundo capítulo analiza el impacto de la tecnología en la productividad y la innovación. El tercer capítulo discute los aspectos éticos y sociales de la tecnología. El cuarto capítulo presenta conclusiones y recomendaciones. El quinto capítulo es el apéndice, que contiene información adicional sobre el tema.

1 . Introdução

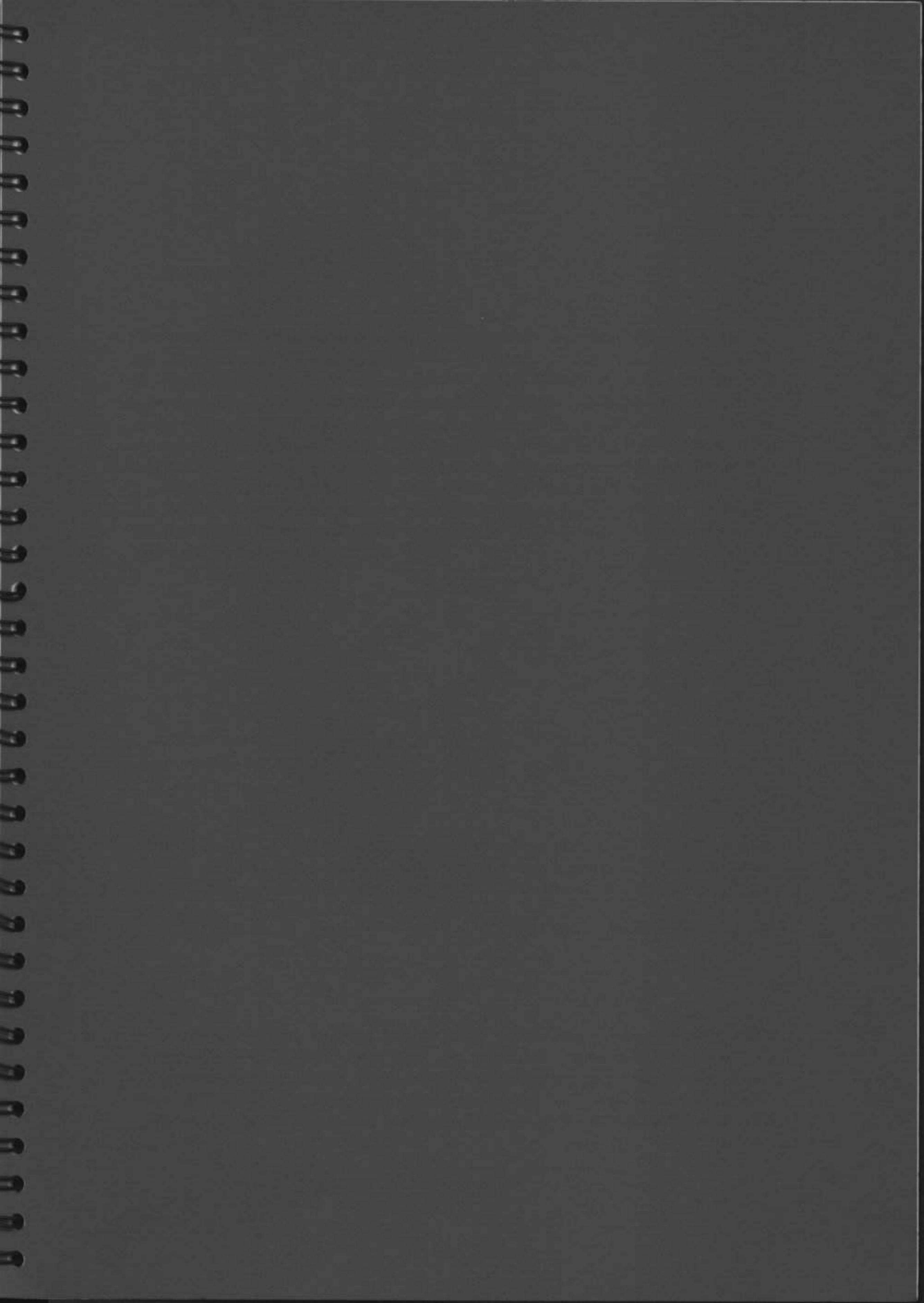
Durante cinco anos frequentei assiduamente a Faculdade de Arquitectura, primeiro no saudoso Convento de S. Francisco e, posteriormente, no novo edifício do *Campus* da Ajuda, assim como tudo o que por ela me foi proporcionado. Desde os tempos do Chiado, onde fui confrontado com as primeiras questões de uma disciplina que pouco conhecia, aos dias passados na Biblioteca da "nova" Faculdade onde tinha a possibilidade de me informar sobre interesses entretanto despertados, até à experiência Veneziana do programa *Erasmus*.

Sucederam-se os anos, as disciplinas e os docentes, ao mesmo tempo que ia sendo criada uma expectativa em relação ao momento, no qual iria deixar a prática académica para me confrontar com o exercício real da Arquitectura. Criaram-se românticas ideias sobre os Ateliers e suas vivências, contavam-se estórias (mitificações) de *Taliesin* e ouviam-se com desconfiança a versões desencantadas de outros mais experientes. Felizmente nunca a peregrina ideia de que estaria completamente preparado para uma prática profissional me assolou, e desde sempre me pareceu boa a ideia de um estágio, que articulasse a passagem da Escola para esta última.

Concluídas as disciplinas curriculares, chegou o momento de reflectir sobre onde me agradaria realizar o estágio académico.

A prática realizada por Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, desde há muito, que despertara o meu interesse, parecia-me inconformada e não acomodada a um qualquer formalismo, tornado-se capaz de uma diversidade apaixonada que me interessava. Acabaria por conseguir estagiar exactamente no Atelier que havia elegido a princípio, a Contemporânea. Teria, desta forma, a oportunidade de verificar a veracidade das minhas expectativas e de participar activamente num modo de fazer Arquitectura que me parecia e parece extremamente interessante.

Pretende este relatório, criar uma ideia aproximada do que foi essa mesma experiência, uma vez que me parece impossível narrar a totalidade dos acontecimentos passados nestes seis meses que agora terminam. Deste modo, decidi dividir o relatório em duas partes: na primeira dissecarei a estrutura do Atelier, tentando deste modo entender todas as partes que o constituem, numa segunda parte irei descrever e reflectir sobre os trabalhos nos quais participei durante o estágio.



2. Contemporânea

Criada em 1990 por Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, a Contemporânea, é a estrutura que suporta a actividade criativa destes dois arquitectos. O Atelier vive da omnipresença destas duas personalidades, e da tensão provocada pela diversidade das suas formações, à qual não é alheia a própria produção arquitectónica. Rodeados de colaboradores (mais ou menos efémeros), de formações e experiências profissionais diversas, MGD+EJV gerem uma estrutura que resulta de uma complexa teia de relações, quer dentro de si mesmo quer com o exterior. É como um organismo vivo que depende não só da entropia dos órgãos internos que o constituem, mas também das condições que o rodeiam. Para entendermos como funciona este todo, e na impossibilidade de descrever toda a complexidade de relações que existem dentro do mesmo, teremos que, tal como no ensino da Medicina, conhecer individualmente os órgãos e aparelhos que o constituem.



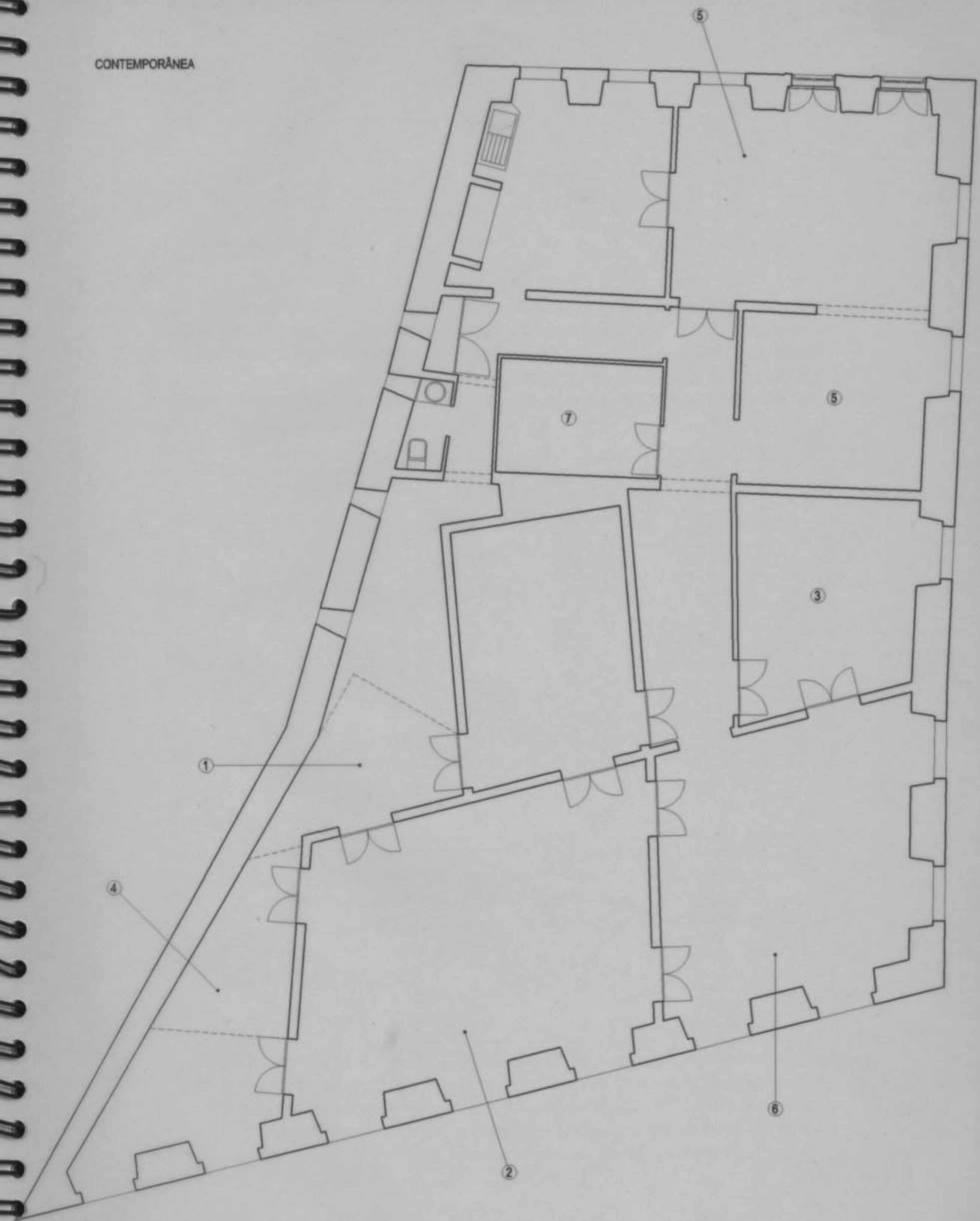
ANATOMIA - A palavra Anatomia, etimologicamente, apesar das reservas de Bluteau, significa *cortar, separar, dissecar*. É, pois, o processo pelo qual nos podemos informar acerca das partes que constituem os seres vivos, sua forma, relações e estrutura.

in "Enciclopédia luso-brasileira de Cultura"

Hall

O sinistro olhar de um (enorme) auto-retrato do Pedro Cabrita Reis, recebe-nos neste compartimento. A Secretária rodeada de um computador, impressora, Fax, telefones e correspondência vária, garante a comunicação com o exterior e gere a relação deste com o interior do Atelier. Para um dos lados estende-se um enigmático, longo e tortuoso corredor, que conduzirá o visitante ao interior do Atelier, para o outro uma porta alta convida a entrar na sala oval.

CONTEMPORÂNEA

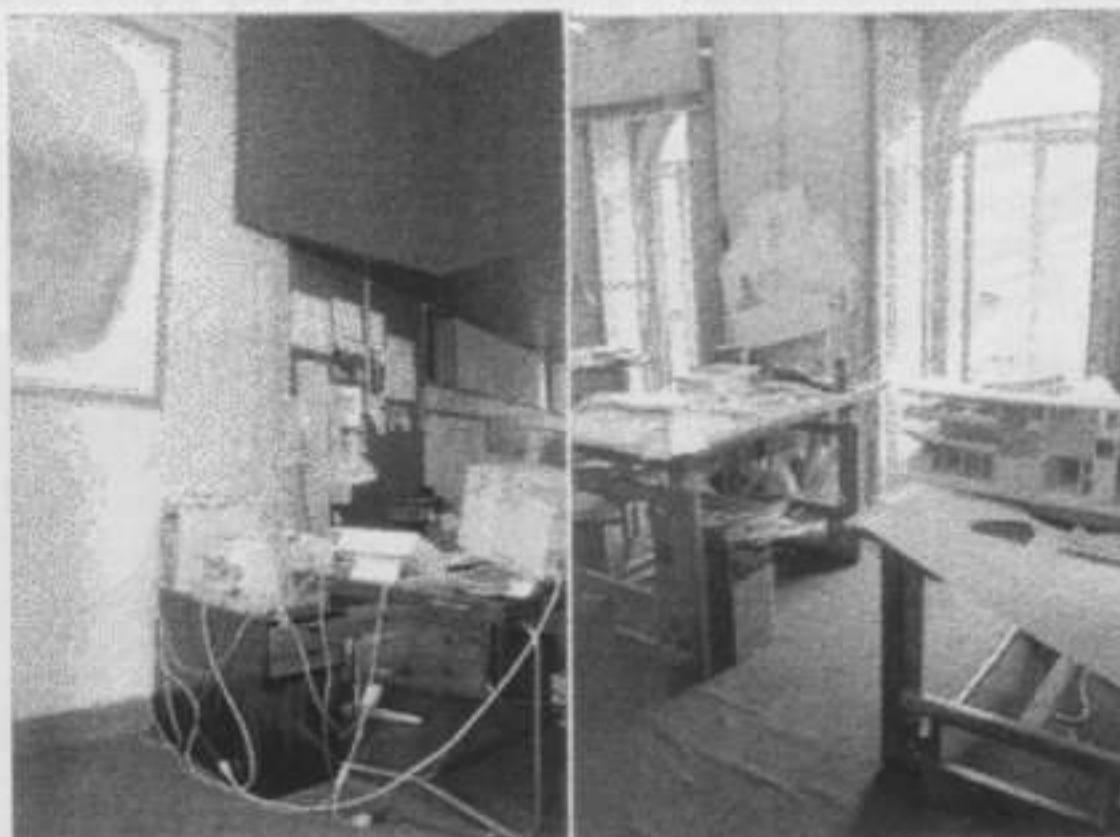


LEGENDA:

01- HALL 02- SALA OVAL 03- SALA MGD 04- SALA EJV 05- SALA DOS COMPUTADORES 06- SALA DE REUNIÕES 07- ARQUIVO

Sala Oval

Assim chamada pela forma do desenho no estuque do tecto, que unifica a rebelde geometria das suas paredes. Outrora heróicas maquetes acumula-se por todo o lado, rodeando os (agora) obsoletos estiradores e as sobras de cartão, cartolinas, K line e wallmate, que servirão para produzir novas simulações de novas realidades. As maquetes são construídas, destruídas, disfarçadas e repetidas as vezes necessárias, de modo a informarem a sucessivas fases dos projectos.



Sala MGD

Livros, jornais, revistas e objectos preenchem uma (sobrelotada) estante, uma marquesa, um sofá e partes do chão. Objectos reinventados e uma desarrumada secretária iluminada pela fuselagem de um candeeiro, conferem uma ainda maior densidade à pequena sala. O desenho parece esquecido, apenas existe um saudável e descomprometido acumular de coisas e memórias.

Sala EJV

As suas paredes cor-de-laranja dão-lhe o carácter insólito em que reparamos ao descer a Rua do Sol ao Rato. O baixo pé-direito do tecto falso faz a transição para o espaço deixado entre a regra criada pela modulação da fachada e a irregularidade do lote, onde uma comprida "lâmina" de madeira organiza objectos e livros. Ao fundo o(s) estirador(es) acumula os desenhos, recados, *polaroids*, caixas de cigarrilhas e isqueiros que acompanham o dia-a-dia do seu previligiado ocupante.

Sala dos Computadores

Rodeados de carlites cobertas de desenhos, configurações de canetas, posters e fotografias, colaboradores do Atelier operam uma teia de computadores, plotters e impressoras. Dando forma a furiosos esquiços, tentando materializar vontades, resolvendo problemas de obras atribuladas. Tubos de papel para plotter acumulam-se ao mesmo tempo que os sacos de papel para reciclagem, tornando possível a evolução de traçados e proporções (aparentemente) descontrolados para paredes e lages conformadas e dimensionadas. Ouvem-se o costumeiro rádio e o impaciente telefone, ao mesmo tempo que lá fora descansam banais traseiras e uma insólita desactivada chaminé.



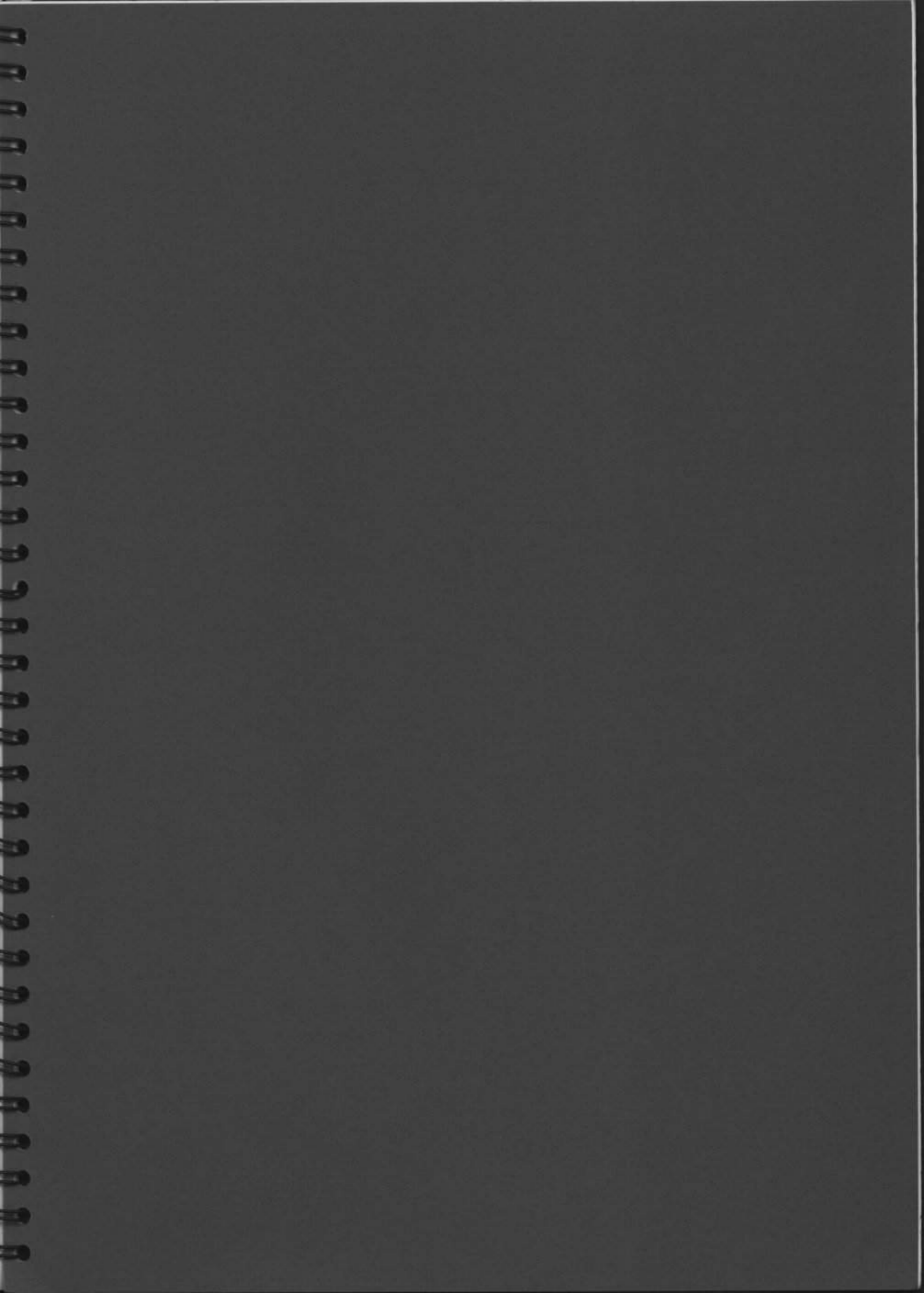
Sala de Reuniões

Sob uma cruz de luz fluorescente, os habitantes do Atelier discutem em volta de uma "plotagem" riscada, ou simplesmente visionam slides de obras ou de viagens. Em outras ocasiões terão lugar encontros mais formais, com clientes, engenheiros ou vendedores, que, rodeados de mais maquetes, desenhos e objectos perdidos, se interrogarão sobre o carácter desprezioso da Sala de reuniões.

Arquivo

Funciona como uma especie de "caixa negra" do Atelier e das pessoas que o habitam, guarda processos antigos, esquiços, desenhos, memórias descritivas, mapas de acabamentos, orçamentos, fotografias e slides de maquetes, de obras, de cidades...

Acumula, também, informações deixadas por vendedores em intermináveis visitas ao "escritório", catálogos, amostras, pavimentos, revestimentos, vinílicos, cerâmicos, madeira e derivados, buchas e fixações.



3 . Architecturas

Para escrever sobre a experiência do "fazer", tentei reunir testemunhos de outros (arquitectos) que haviam já alcançado a clareza de pensamento suficiente para o fazer. É complicado tentar escrever sobre algo que se conhece tão pouco, e seria pretensioso comparar a minha experiência com a daqueles que, de facto, a têm. As suas (dos arquitectos) reflexões sempre me pareceram demasiado próximas da realidade (crueldade) da profissão, para me esclarecerem de coisas aparentemente evidentes. O entusiasmo (ingénuo) do estagiário há muito que foi substituído pelo (inevitável) pragmatismo que sucede aos desencantos.

Um mítico piloto da II Grande Guerra, Chuck Yeager, o mesmo que depois do fim desta iniciou a era do supersónico, escreveu em 1994 um artigo que pretendia resumir em 3 ditos, a sua experiência profissional. Eram três conselhos que impressionavam pela facilidade com que encerravam a complexa questão do combate aéreo, assim como era assombroso o modo como resumia as dúvidas, os temores, e o fascínio que as experiências mais intensas do estágio haviam produzido em mim.

"As questões arquitectónicas surgem mais da compreensão e do apreciar do mundo que nos rodeia, que do enclausuramento disciplinar."

Jean Nouvel *in* "El Croquis n°65/66 - Jean Nouvel"

A vivência do Atelier sempre condicionada pela urgência dos prazos, pelas tragédias das obras, pelos dramas das falhas informáticas, estará (hoje) muito mais perto da fluidez total do combate aéreo do que da imobilidade estratégica de Earl de Torrington¹.

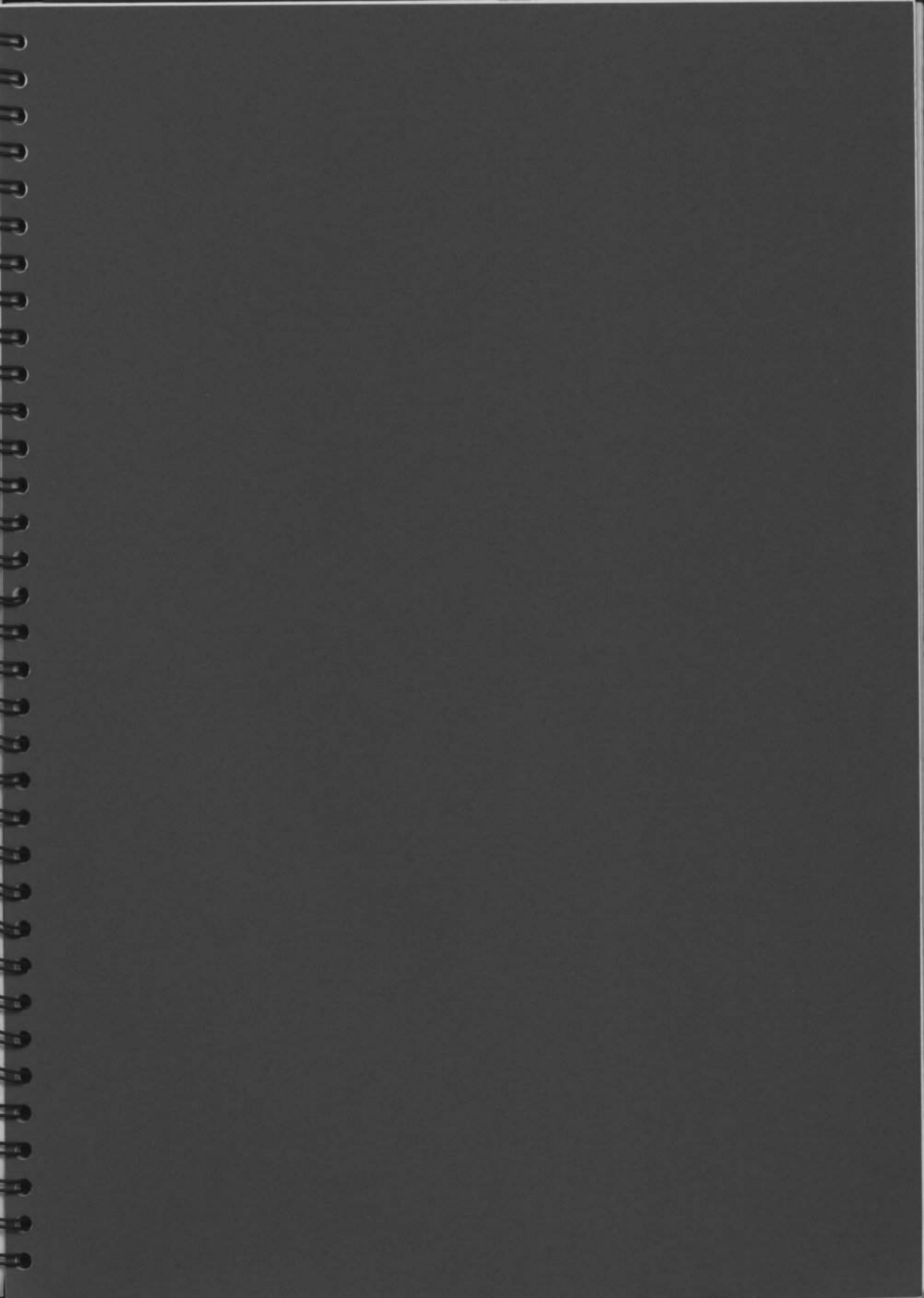
"A guerra foi o insaciável cliente, nunca satisfeito, sempre exigindo o melhor. A palavra de ordem era ter sucesso e a morte seguia implacavelmente o erro. Podemos então afirmar que o avião mobilizou a invenção, a inteligência e a ousadia: a imaginação e a razão fria. o mesmo espírito que construiu o *Parthenon*."

Le Corbusier *in* "Por uma Arquitectura"

No combate aéreo exige-se às máquinas a possibilidade de ultrapassar qualquer adversidade e ao Homens a capacidade de decidir como e quando irá reagir a uma qualquer solicitação. Esta última não será nunca igual a outra anterior, e para a ultrapassar será necessário processar uma enorme quantidade de informação no menor tempo possível. A experiência criará entre o Homem e a máquina uma tal entropia, que permitirá a este todo uma capacidade crescente de responder a situações de nível cada vez maior de complexidade.

¹ Em 1690, na batalha de Beachy Head, Earl de Torrington dispôs a sua frota de modo paralisar toda a acção, permanecendo, no entanto, como uma ameaça. Apesar da inovação o vencedor da batalha foi o Conde de Tourville dizimando a quase totalidade da frota holandesa comandada por Earl de Torrington.

Desdramatizar a relação com o desenho de projecto, com as obras e a realização de tarefas de complexidade crescente, foi exactamente o que me foi proposto por Manuel Graça Dias e Egas José Vieira no início do estágio.



3.1 . *Dictum* nº 1 " Vê mais que os teus oponentes "



Projecto de um Edifício de Auditórios para o CESPU, Monte da Caparica

Projecto: Manuel Graça Dias + Egas José Vieira; Colaboração: Luis Torgal, Alberto Cruz, Pedro Costa, Paulo André Rodrigues, João Fonseca, Luis Pereira Miguel e José António Aires Pereira

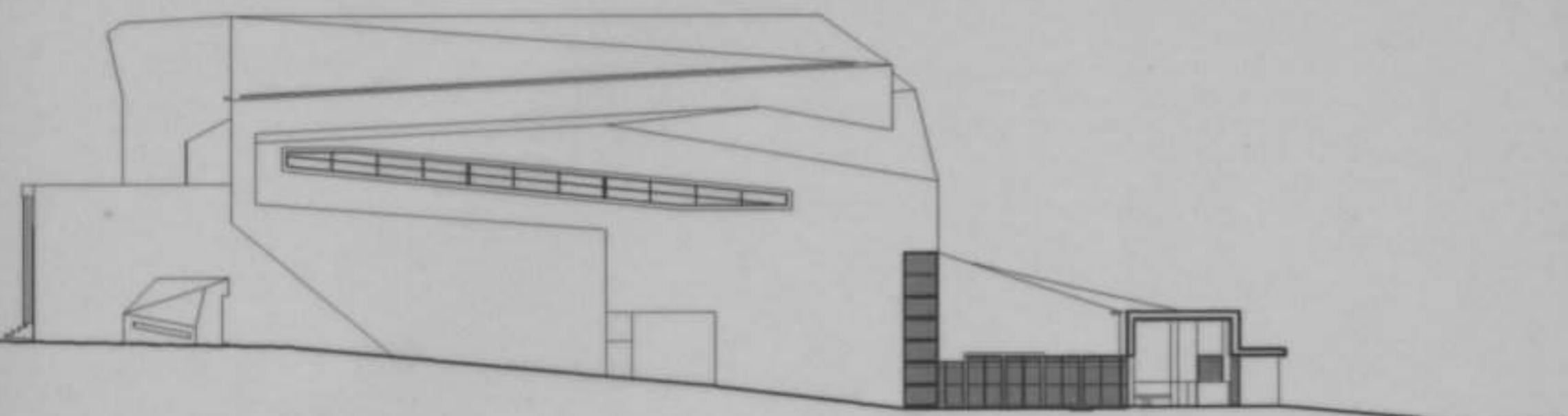
Projecto de licenciamento (Janeiro)

Projecto de execução (Maio/Junho)

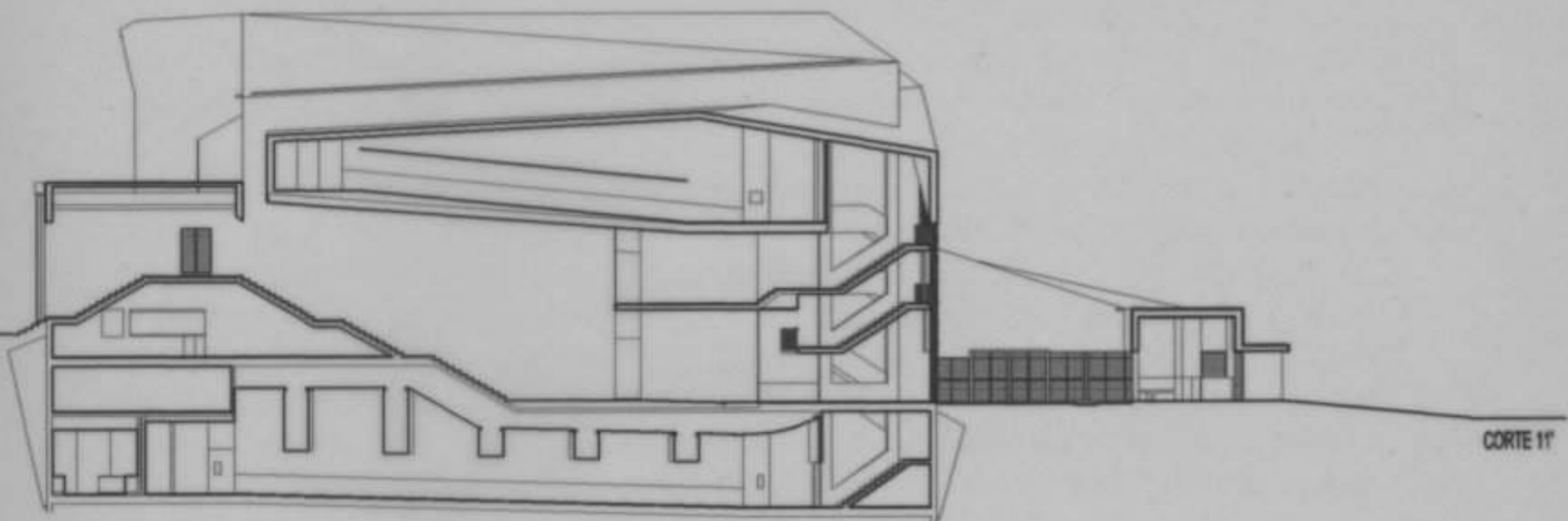
Pormenorização para obra (Julho)

Trata-se de um edifício de auditórios para o *campus* de uma universidade privada, cujo plano geral foi projectado pela Contemporânea em resultado de um concurso feito em 1996.

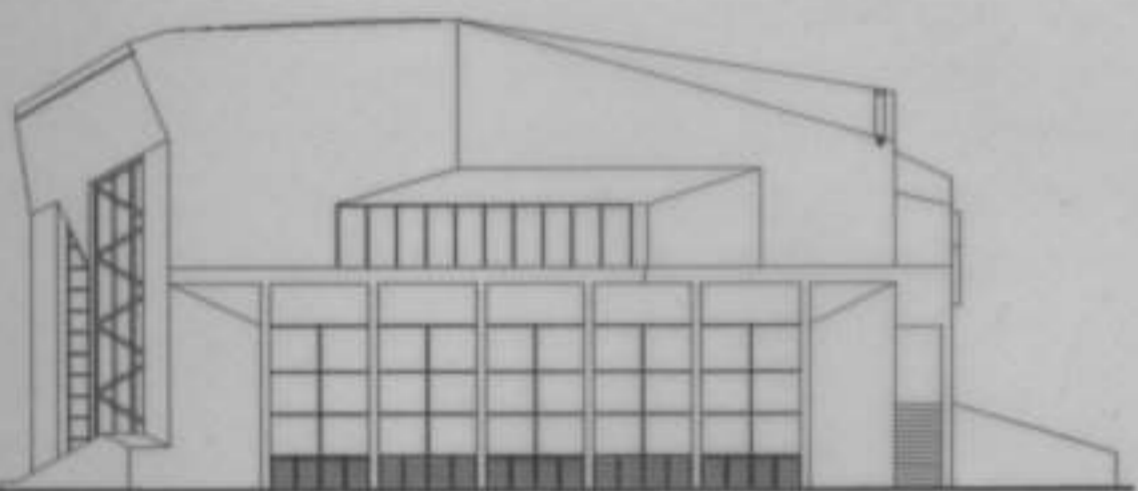
Edifícios de variadas funções dispõem-se num "U" em volta de uma praça oval, o edifício dos auditórios criará o topo dessa mesma praça. Serão sete auditórios, entre os quais um de grandes dimensões, que suportarão a vida académica da universidade e até mesmo eventos



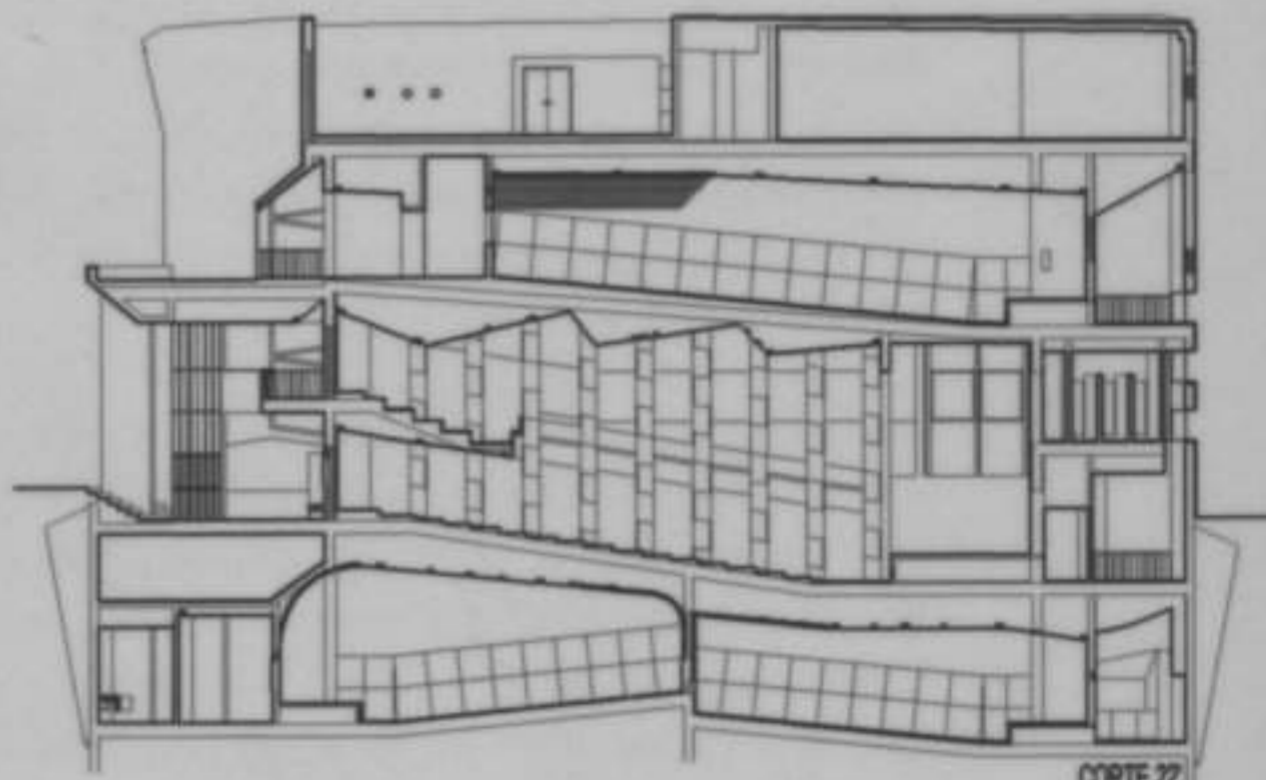
ALÇADO 4'



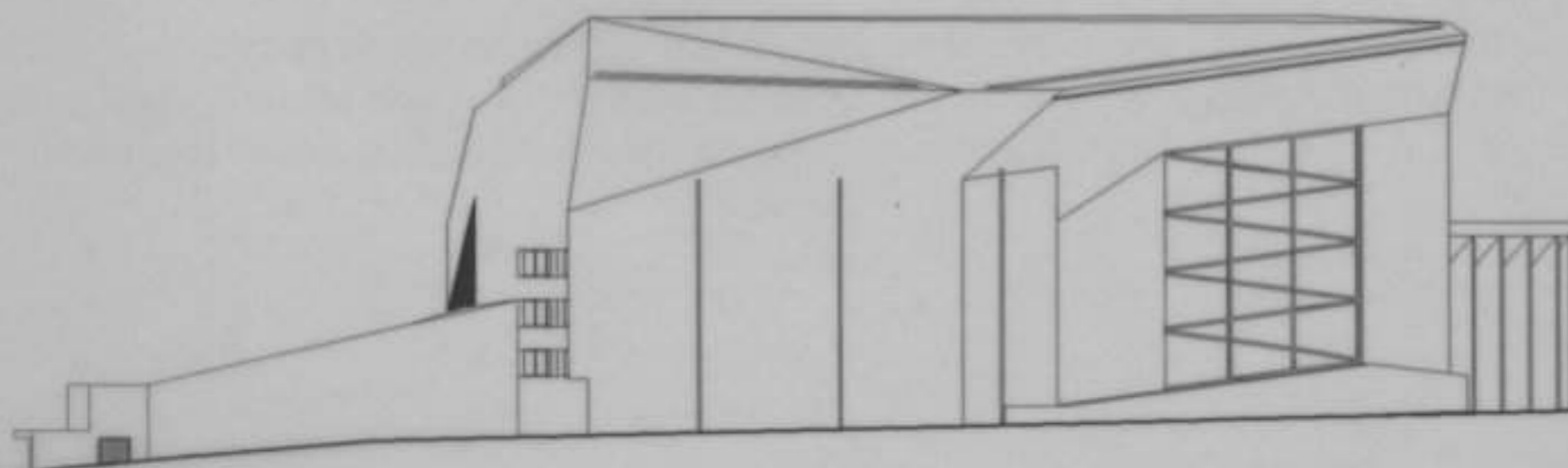
CORTE 11'



ALÇADO 86'



CORTE 22'



CORTE 55'

exteriores a esta. O programa resume-se em poucas palavras, mas o tema não se esgota assim tão facilmente.

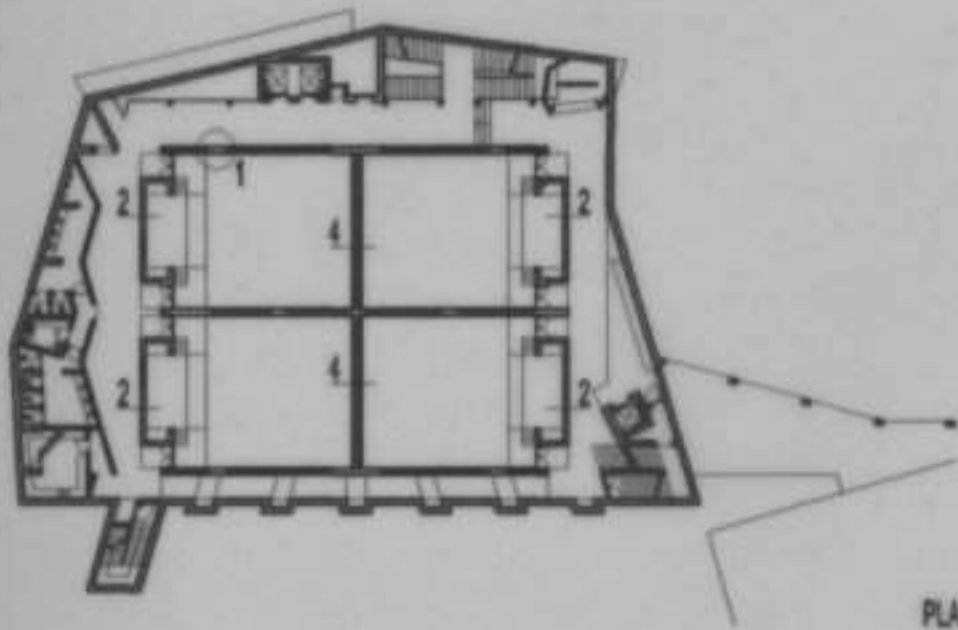
Tive a oportunidade de acompanhar, primeiro como observador atento e depois como interveniente, a evolução das várias fases deste projecto. Na fase do projecto de licenciamento o desenho de projecto é maioritariamente feito dentro do Atelier, com esporádicas consultas às várias especialidades. Trabalha-se em volta de uma vontade de um plano geral, do programa e do conceito do próprio edifício, com esquiços em cima de "plotagens" e sucessivas maquetes. De algum modo, ainda tudo é permitido e as questões que se colocam são académicas, ainda que informadas pelos (reais) constrangimentos programáticos e legais. O desenho existe ainda como coisa autónoma na procura de um todo. O projecto de execução é definitivo, pelos menos pretende ser, as linhas que antes pertenciam ao rigor do desenho, são agora definidas pelas espessuras dos materiais e pelos cálculos das especialidades. A partir deste momento tudo deverá reunir o acordo das variadas partes envolvidas no processo, a Arquitectura deixa de existir somente como exercício académico, há que integrar todo um conjunto de situações que a retirarão do plano da folha do papel, tornando-a parte de uma realidade e servindo um determinado fim.

" A Arquitectura não pode reclamar a condição artística como o seu valor principal. A dimensão poética é só um valor acrescentado ao nosso trabalho, uma vez que estamos empenhados numa arte aplicada. A Arquitectura é uma disciplina que requer um enorme consenso, um enorme número de pessoas tem que admitir que esta pode acontecer, através de autorizações, de pareceres técnicos e da vontade de um cliente que tem de ser convencido. Estes são parâmetros que nunca devemos esquecer. A especificidade da Arquitectura é responder a uma exigência social integrada num contexto cultural."

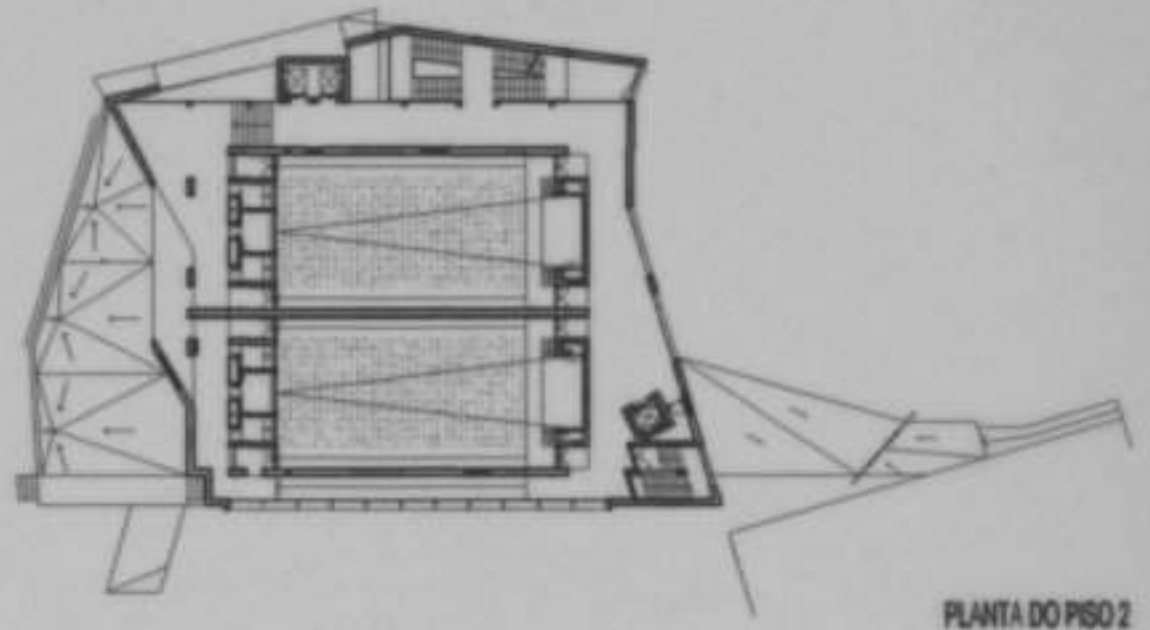
Jean Nouvel in "El Croquis nº65/66 - Jean Nouvel"

Em conjunto com os engenheiros de estruturas tomam-se possíveis os vãos, determinam-se as espessuras das lages e os cutelos das vigas. O engenheiro responsável pela acústica determina curvas dos tectos e a constituição das paredes de modo a que o som seja facilmente audível em toda a parte. As mesmas paredes serão percorridas por prumos de águas e esgotos de um lado ao outro o edifício distribuindo e recolhendo águas. São criados pisos técnicos para alojarem as sobredimensionadas, porém invisíveis, maquinarias de AVAC que tornarão habitável o edifício. As regras de segurança obrigam a novas escadas de emergência, e a que carretéis e extintores sejam dispostos pelo edifício.

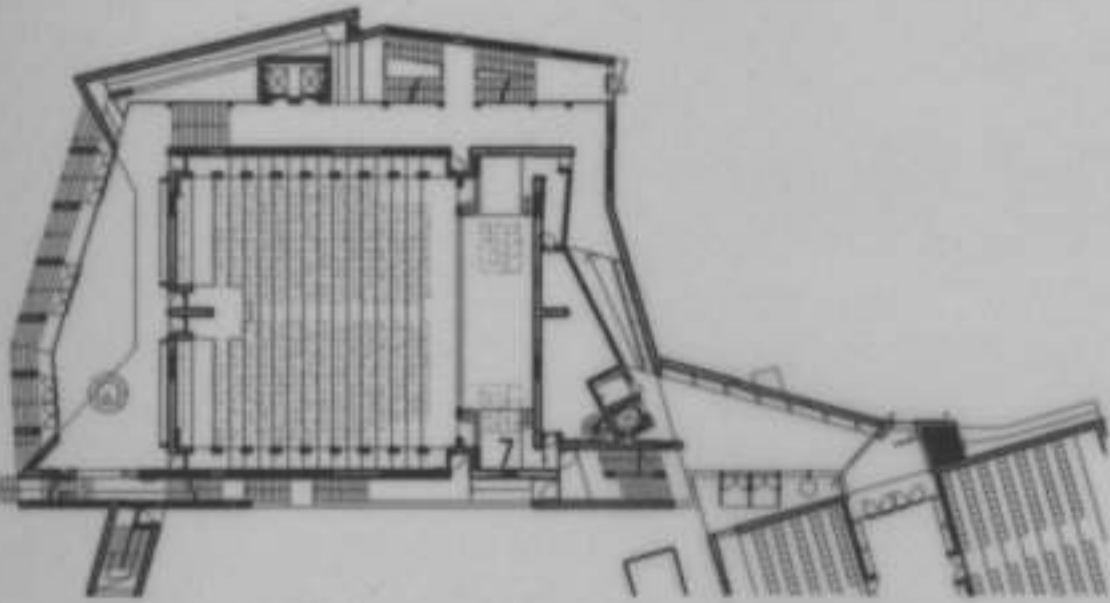
Perante a complexidade da informação que é processada diante dos olhos de um piloto, Yeager aconselhou os seus seguidores a *ver mais que os seus oponentes*. Segundo ele próprio o que o distinguia dos outros pilotos era a sua capacidade de ver.



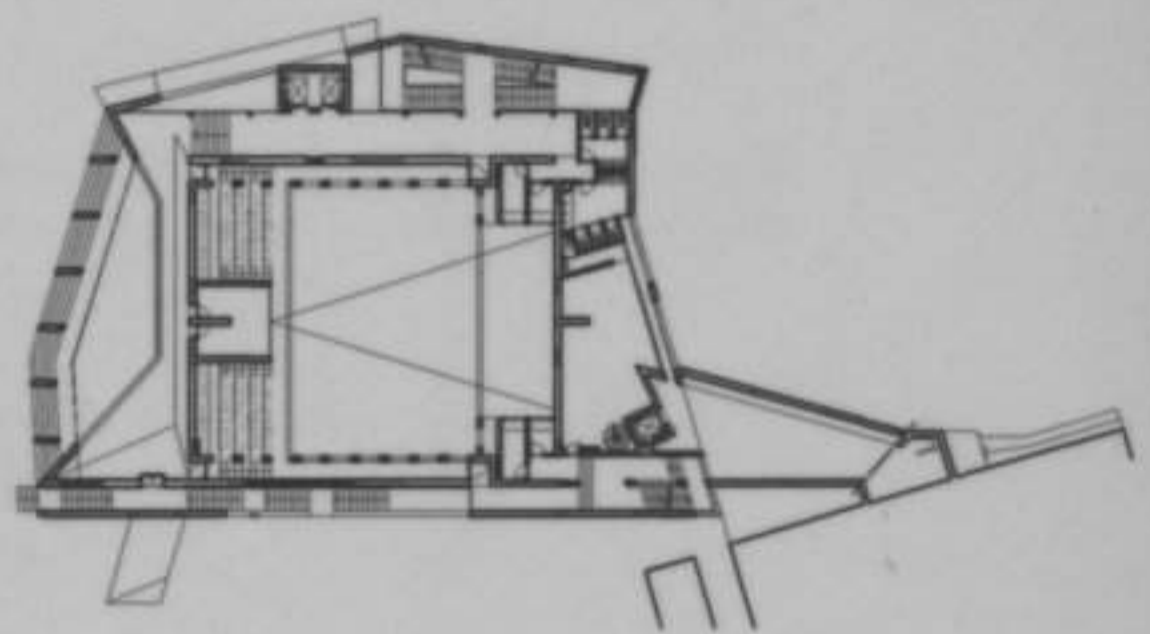
PLANTA DO PISO -1



PLANTA DO PISO 2

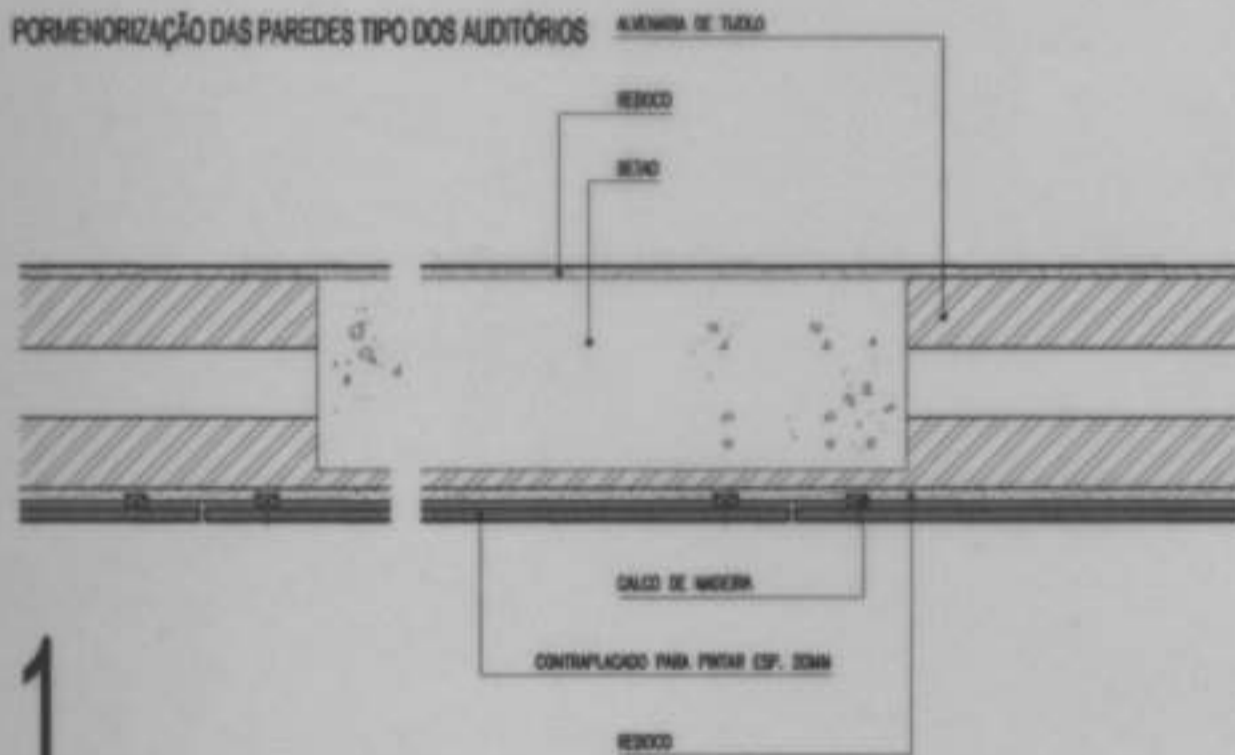


PLANTA DO PISO 0

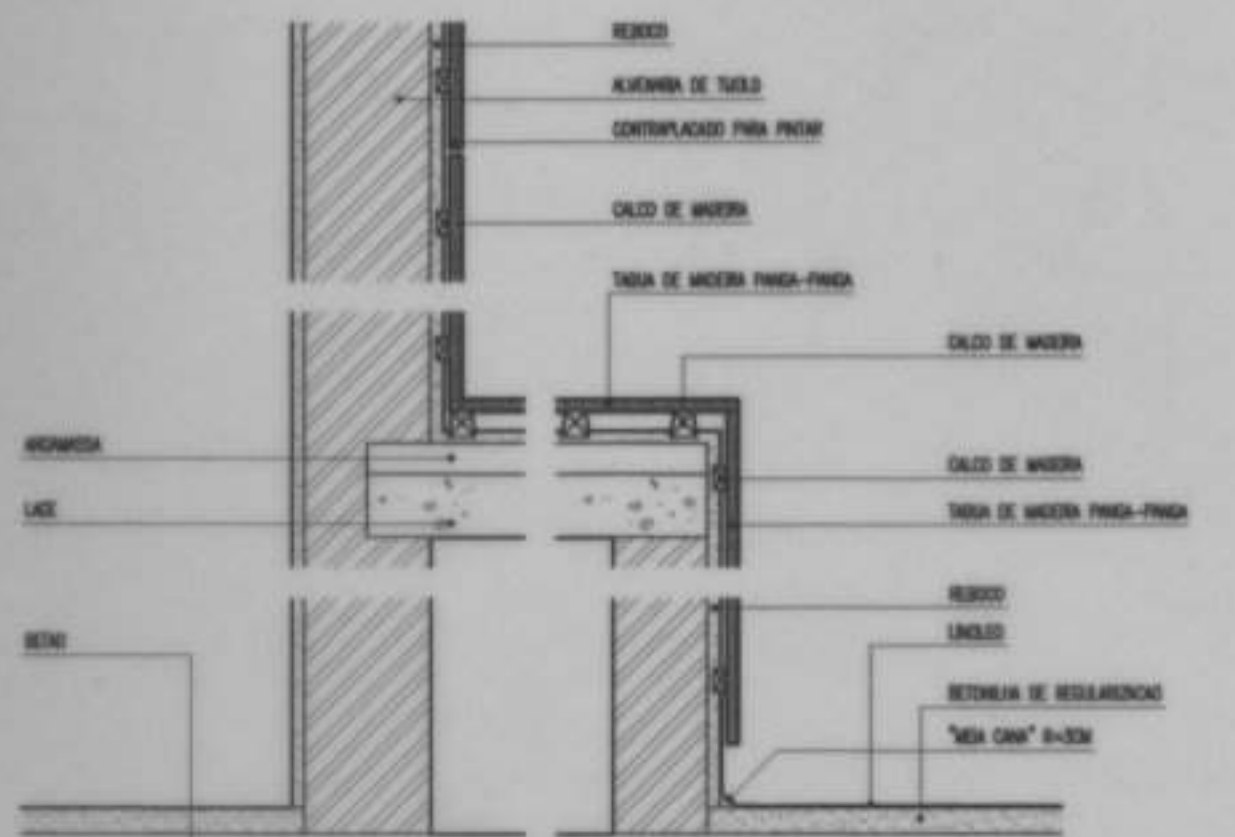


PLANTA DO PISO 1

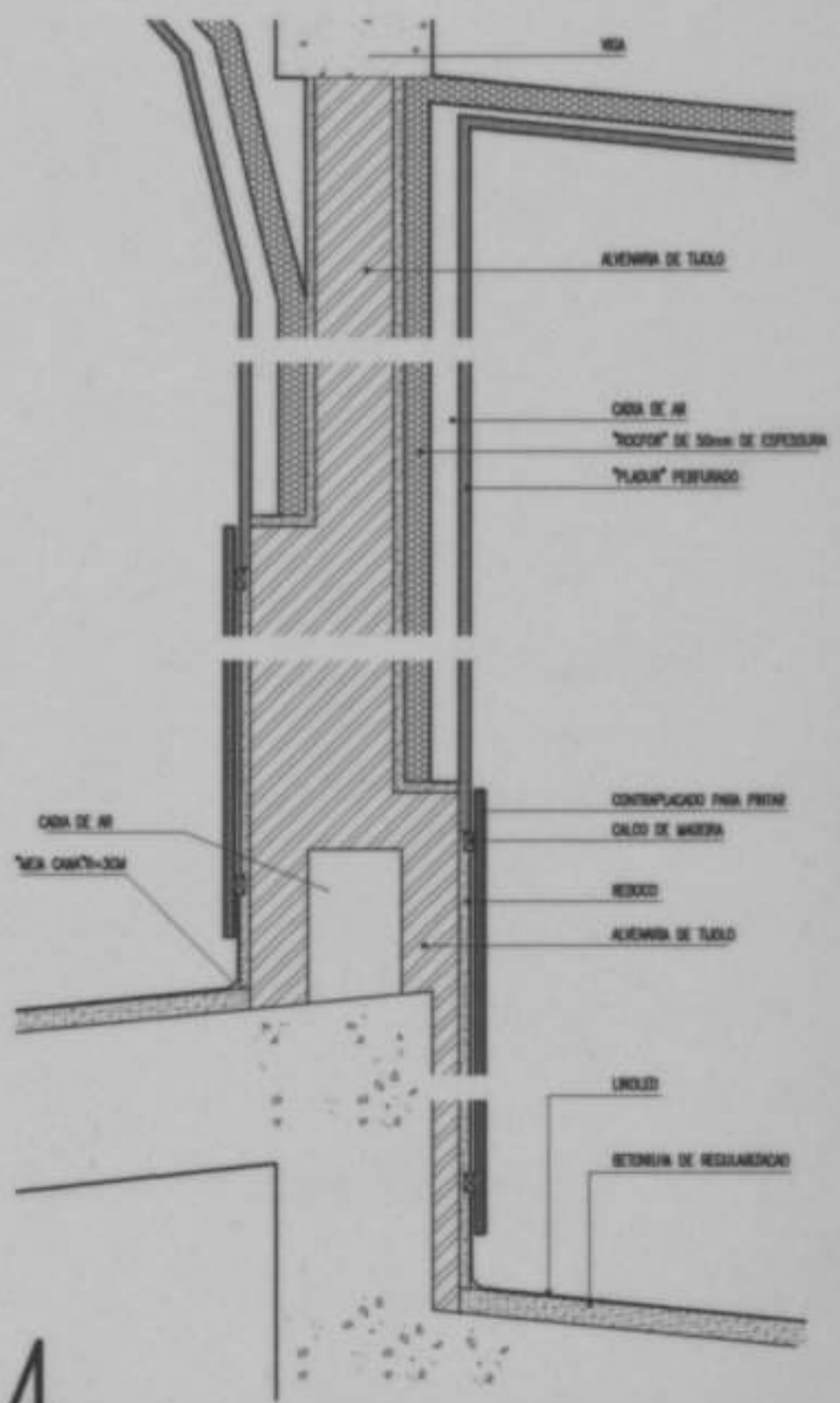
PORMENORIZAÇÃO DAS PAREDES TIPO DOS AUDITÓRIOS



1



2



4

"Libertar os olhos da visão orientada para o objecto. Focar igualmente tudo o que acontece no espaço, ver tudo."

Kwinter, Sanford in "Flying the bullet, or when did the future begin?"²

Ao arquitecto responsável pelo projecto de um edificio desta escala e complexidade, pede-se igualmente a capacidade olhar para o projecto de modo a garantir que a integração de todas as condicionantes do projecto, sem prejudicar a harmonia do todo.

Nada disto é novidade, apenas mudaram os tempos e os modos de comunicar esta eterna contradição:

UTILITAS + FIRMITAS + VENUSTAS

Vitrúvio

² Ensaio publicado no livro "Rem Koolhaas: conversations with students", Princeton Architectural Press, Nova Iorque, 1996

32 - Desenho "Year a half"



Caricena política internacional no âmbito da U.I., para a elaboração do projecto do Centro de Exposições e Congressos da Escola Superior

Projecto: Álvaro Siza Dias + Egas João Vieira; Colaboração: Luís Torgal, Alberto Costa, Paulo Costa, Paulo André Rodrigues, João Ferreira e José António Aires Pereira

Projecto (Plan)

O desenho decorre da elaboração do projecto de um Centro de Exposições e Congressos na Calçada, a ser construído numa enorme parcela quadrangular lateral a uma alameda de árvores que separa o Centro local. Nesta parcela, inicialmente prevista em função do traço, era preciso definir um edifício, um novo bloco de exposições, um bloco de reuniões, salas de reuniões, uma cafeteria, uma sala para a administração do Centro e, por fim, um grande arco com a importância do edifício local no anterior elemento.

A proposta desenvolvida pelo Álvaro assentava na criação de uma alameda para de pedra, que articulava o desenho do terreno, ao mesmo tempo que albergava as diferentes salas técnicas e zonas de estacionamento. Sobre esta base seriam depositos os volumes que, através das suas dimensões, formas, intervenções reconhecíveis ao longo das suas aberturas, em função da diversidade de usos seria desenvolvido por três núcleos que se relacionam ao longo da Calçada, que são: a cafeteria.

Para o Alameda, a planta era dividida em duas partes, a primeira com um volume pequeno e a segunda com um volume maior, que por sua vez era dividida em duas partes, uma para a administração e outra para as reuniões. Como se o desenho é um elemento importante para a organização do espaço, este não pode ser mais definido, mas para este

3.2 . *Dictum* nº 2 " Voar a bala "



Concurso público internacional no âmbito da U.E. para a elaboração do projecto do *Centro de Exposições e Congressos do Estoril*, Estoril

Projecto: Manuel Graça Dias + Egas José Vieira; Colaboração: Luis Torgal, Alberto Cruz, Pedro Costa, Paulo André Rodrigues, João Fonseca e José António Aires Pereira

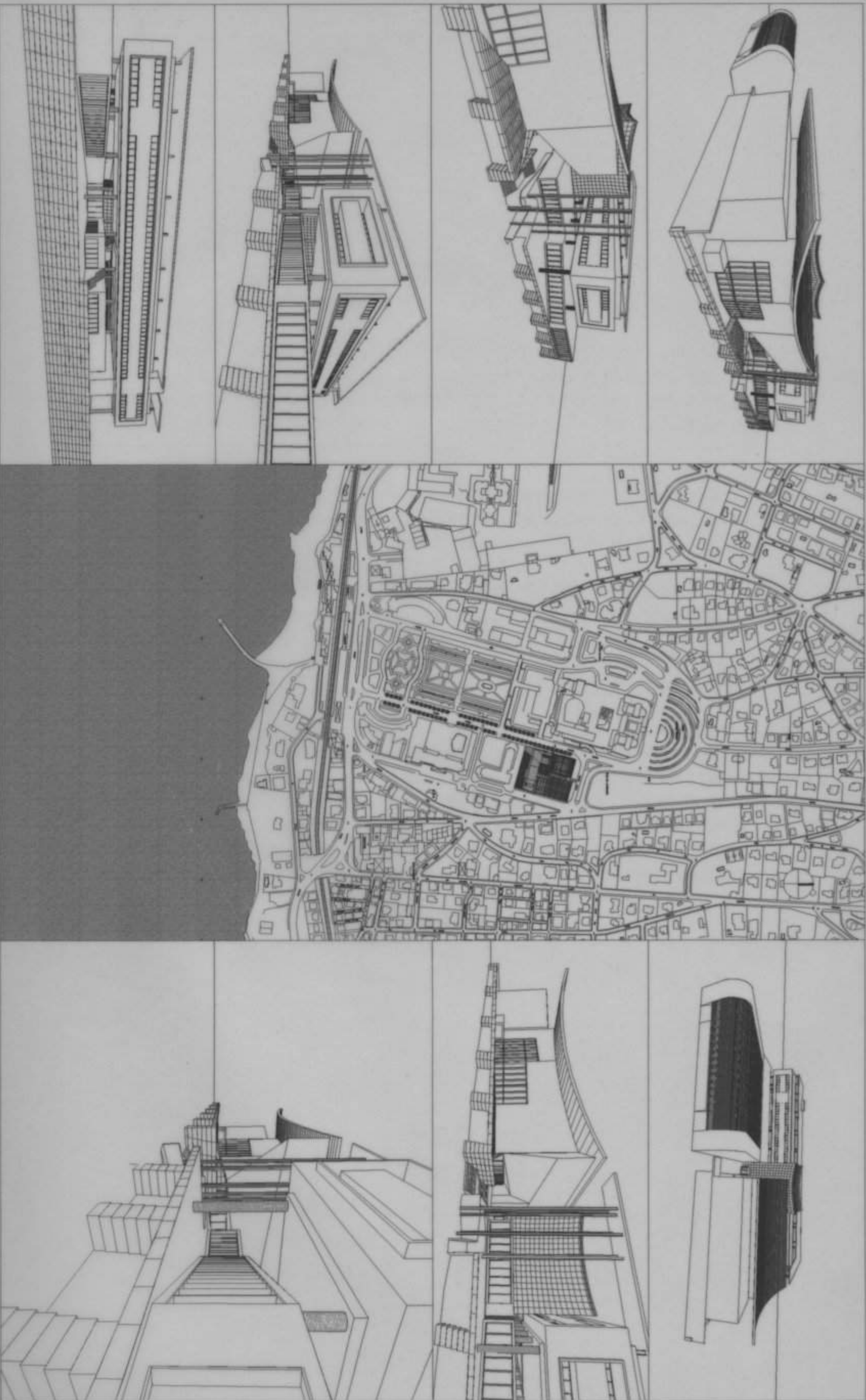
Projecto (Abril)

O concurso destinava-se à elaboração do projecto de um Centro de Exposições e Congressos no Estoril, a ser construído num enorme terreno quadrangular lateral a uma alameda de palmeiras que enquadra o Casino local. Neste terreno, levemente inclinado em direcção ao mar, era suposto prever um auditório, uma nave de exposições, um bloco de escritórios, salas de reuniões, uma cafetaria, uma zona para alojar a administração do Centro e, por fim, um grande átrio com a capacidade de articular todos os anteriores elementos.

A proposta desenvolvida pelo Atelier assentava na construção de uma enorme caixa de pedra, que articulava o desnível do terreno, ao mesmo tempo que albergava as inevitáveis caves técnicas e zonas de estacionamento. Sobre esta caixa seriam dispostos os volumes que, através das suas diferentes formas, tornavam reconhecíveis as funções que albergavam. Este sistema de diferentes caixas seria atravessado por três ruas que conduziriam ao insólito *Grande Átrio*, que tudo relacionaria.

Para o Atelier, e penso que será assim em (quase) todos, a participação num concurso representa a possibilidade de realizar projectos aliciantes, quer pela sua escala quer pela complexidade, mas é também um enorme investimento tanto humano como financeiro. Como tal o concurso é, normalmente, realizado quando não pode ser mais adiado, seja para não

Concurso público internacional no âmbito da U.E. para a elaboração do projecto do
Centro de Exposições e Congressos do Estoril



perturbar outros trabalhos em curso no Atelier ou pela habitual inércia da fase inicial de projecto. Nestas condições o Tempo , e o modo como é gerido, torna-se um factor determinante.

Desde a fase em que o processo e o programa começam a ser estudados, até á fase de selar os pacotes do processo, irá muito pouco tempo e durante o qual será necessário tomar muitas decisões determinantes. Estas decisões poderão significar a diferença entre a assinatura do contracto para a realização da obra e uma experiência, que nunca é infrutífera, mas que representa um prejuízo para o Atelier enquanto empresa.

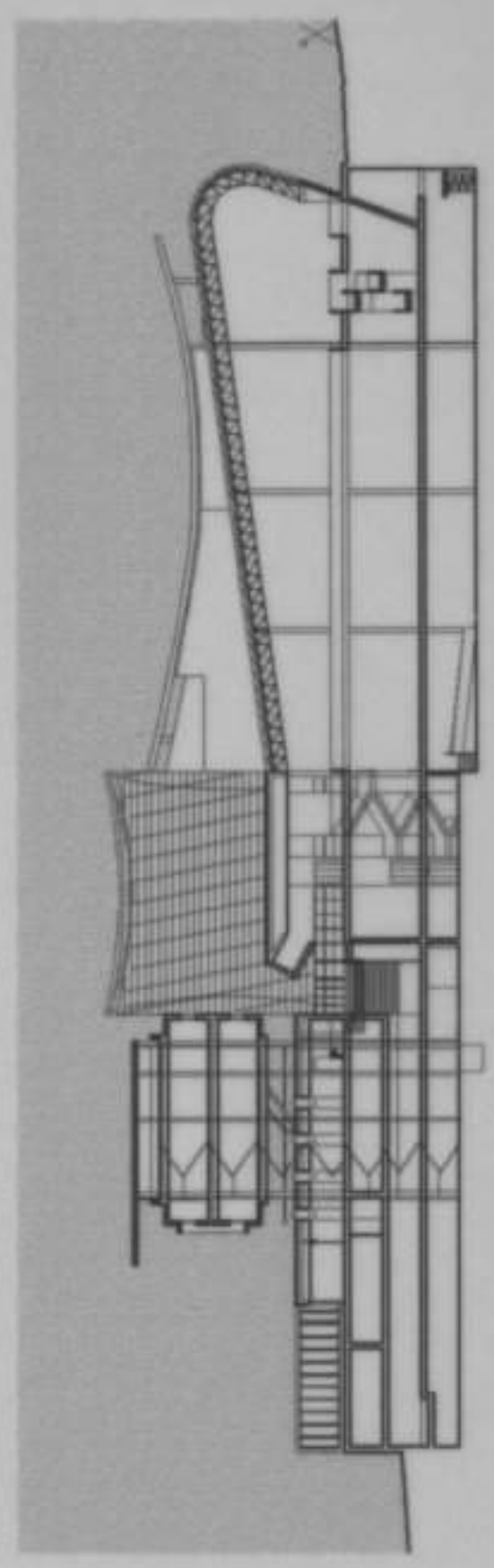
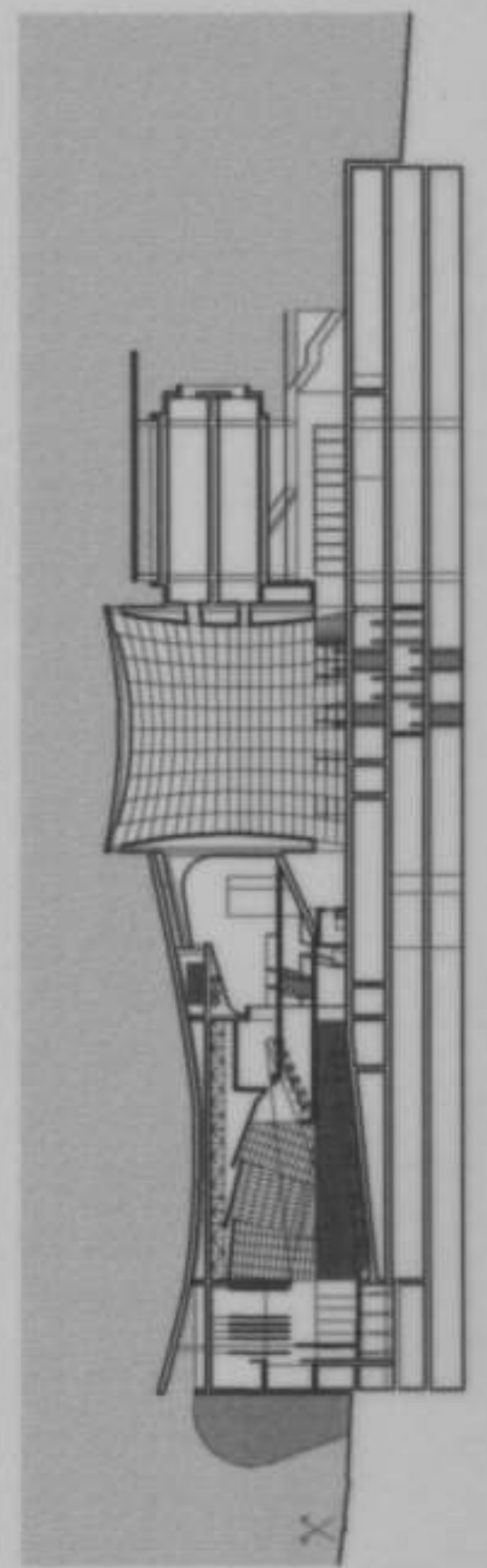
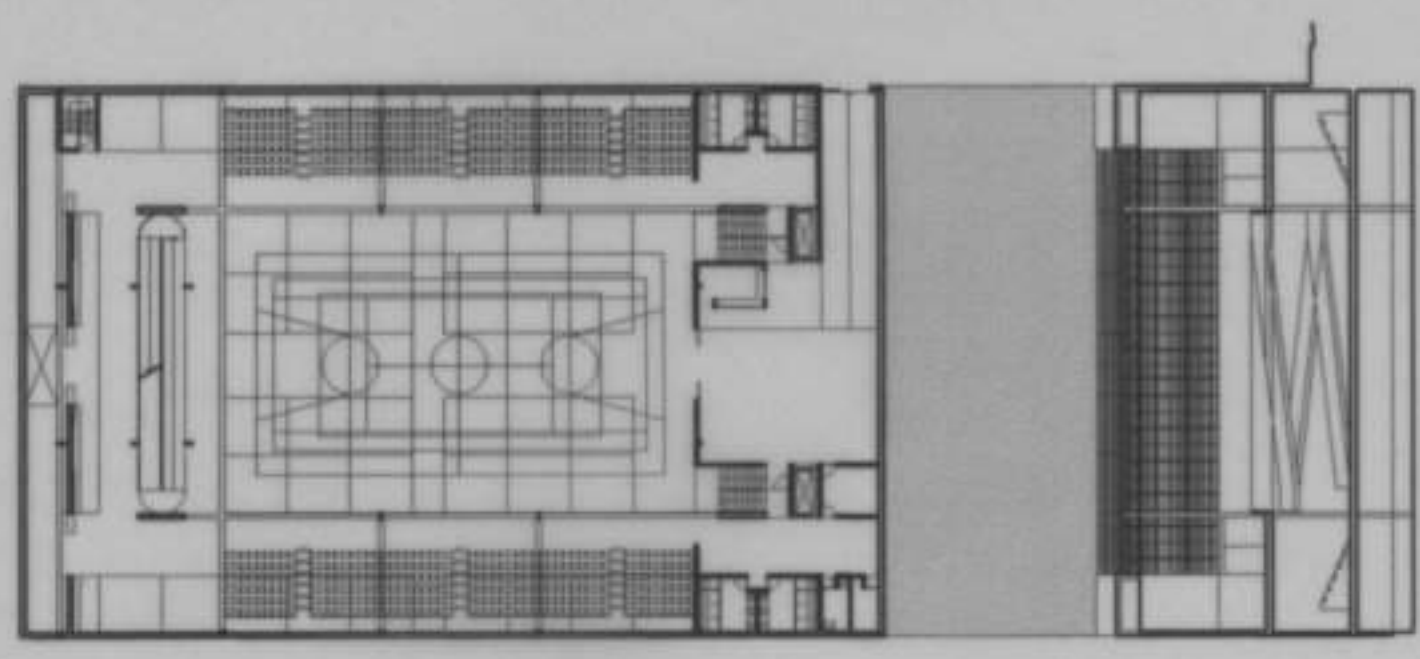
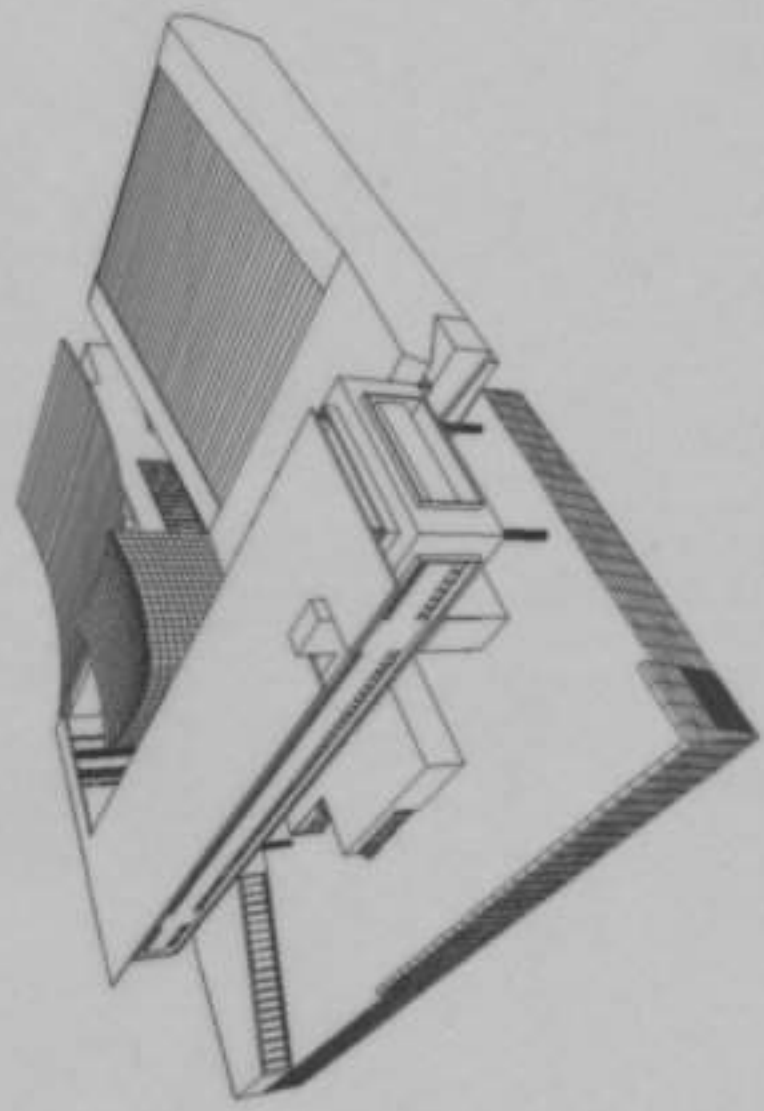
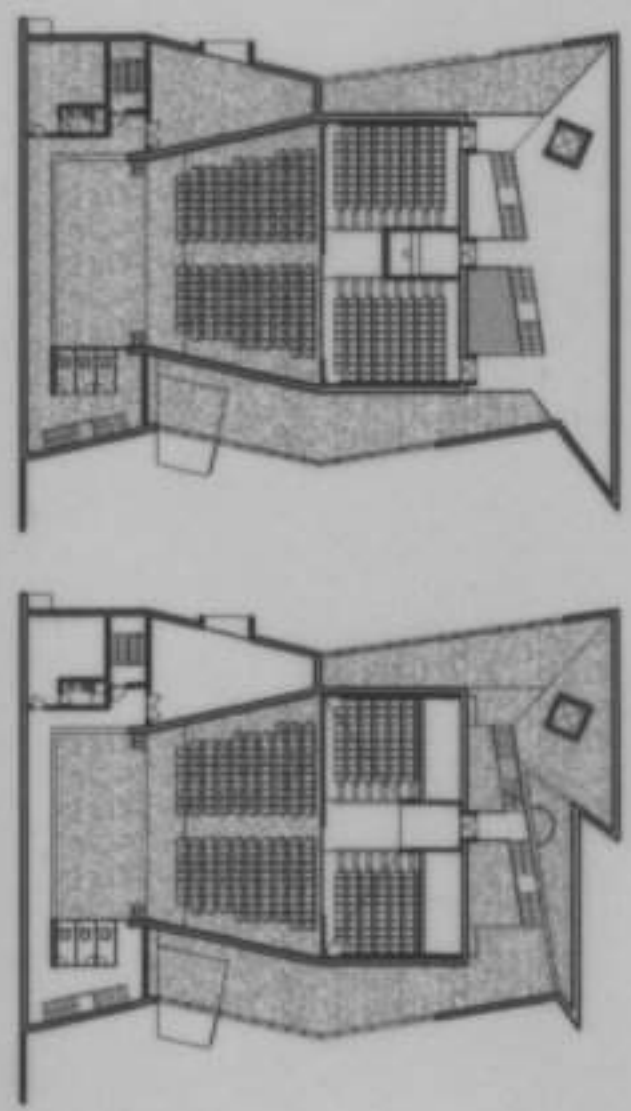
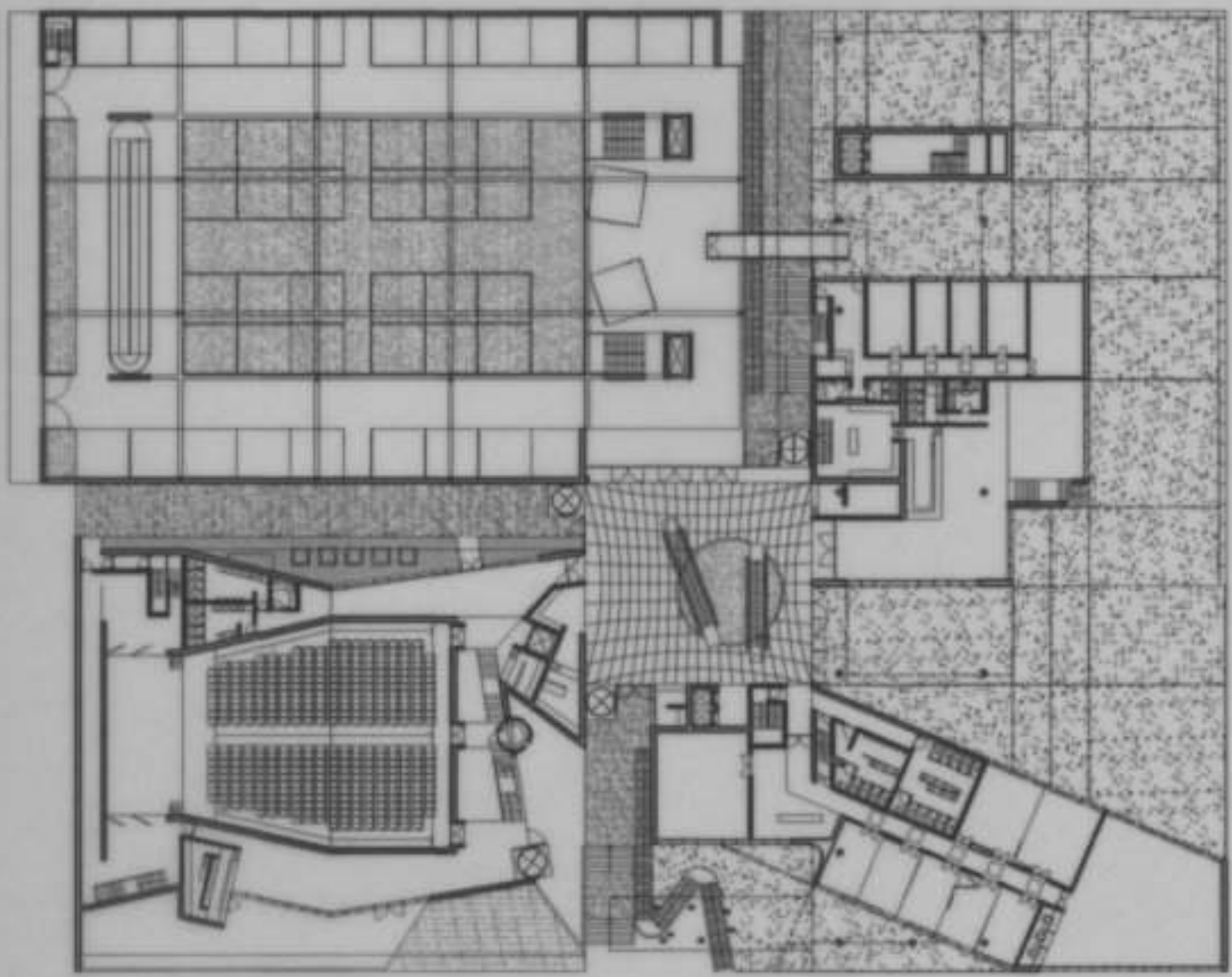
Se voar constitui em si mesmo um problema bastante complexo, tudo se complicará ainda mais quando a este se acrescentar a questão da artilharia. Segundo Yeager, primeiro que tudo será necessário esquecer o avião, para nos concentrarmos apenas em *voar a bala*.

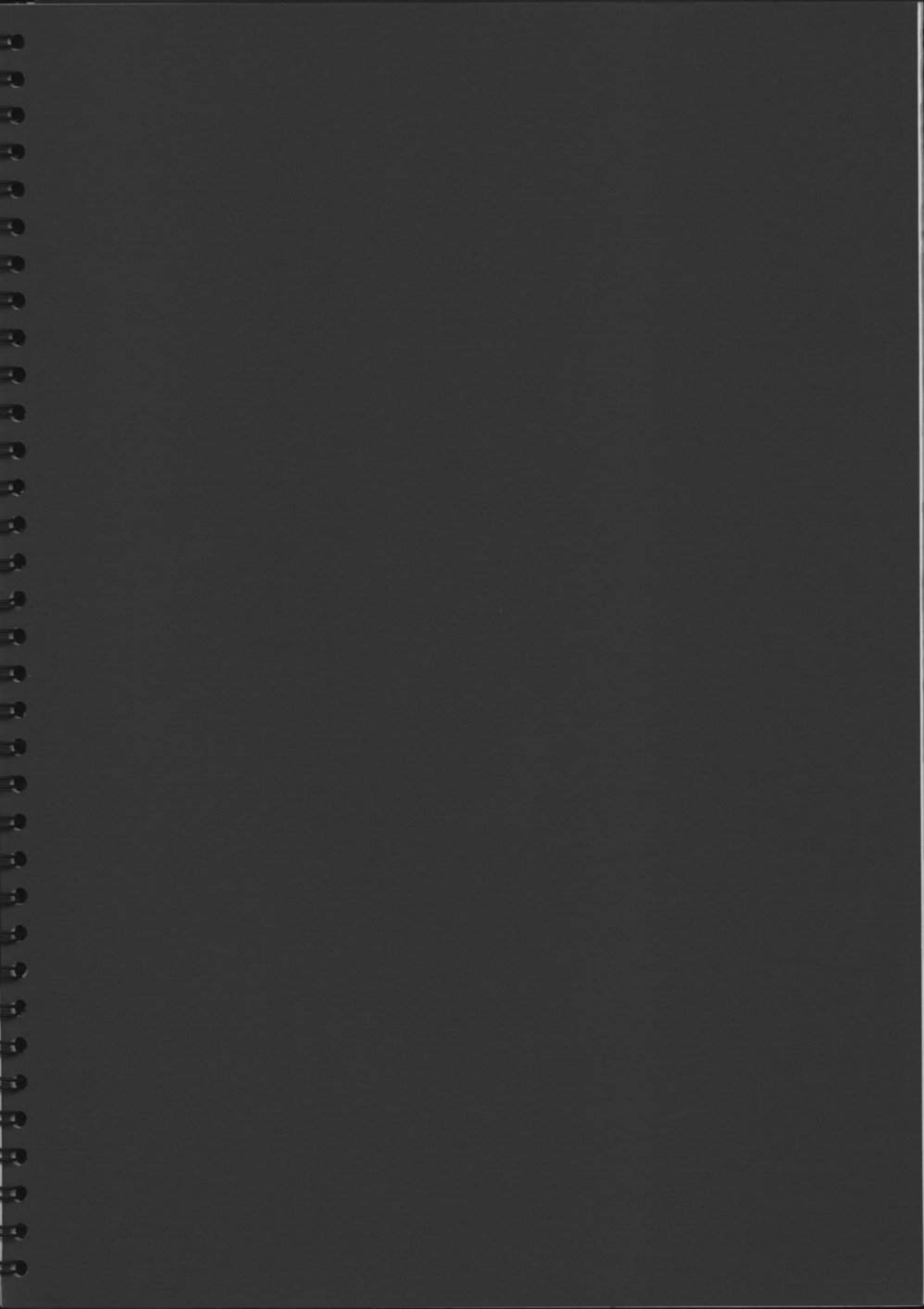
"Aprender a ver e aprender a disparar, são afinal problemas extremamente similares, o último em termos de magnitude e complexidade um degrau acima do primeiro. No entanto, à medida que subimos a escada da complexidade, também subimos a escada da integração, mais elementos em interacção mas com uma forma total mais coesa."

Kwinter, Sanford in "Flying the bullet, or when did the future begin?"

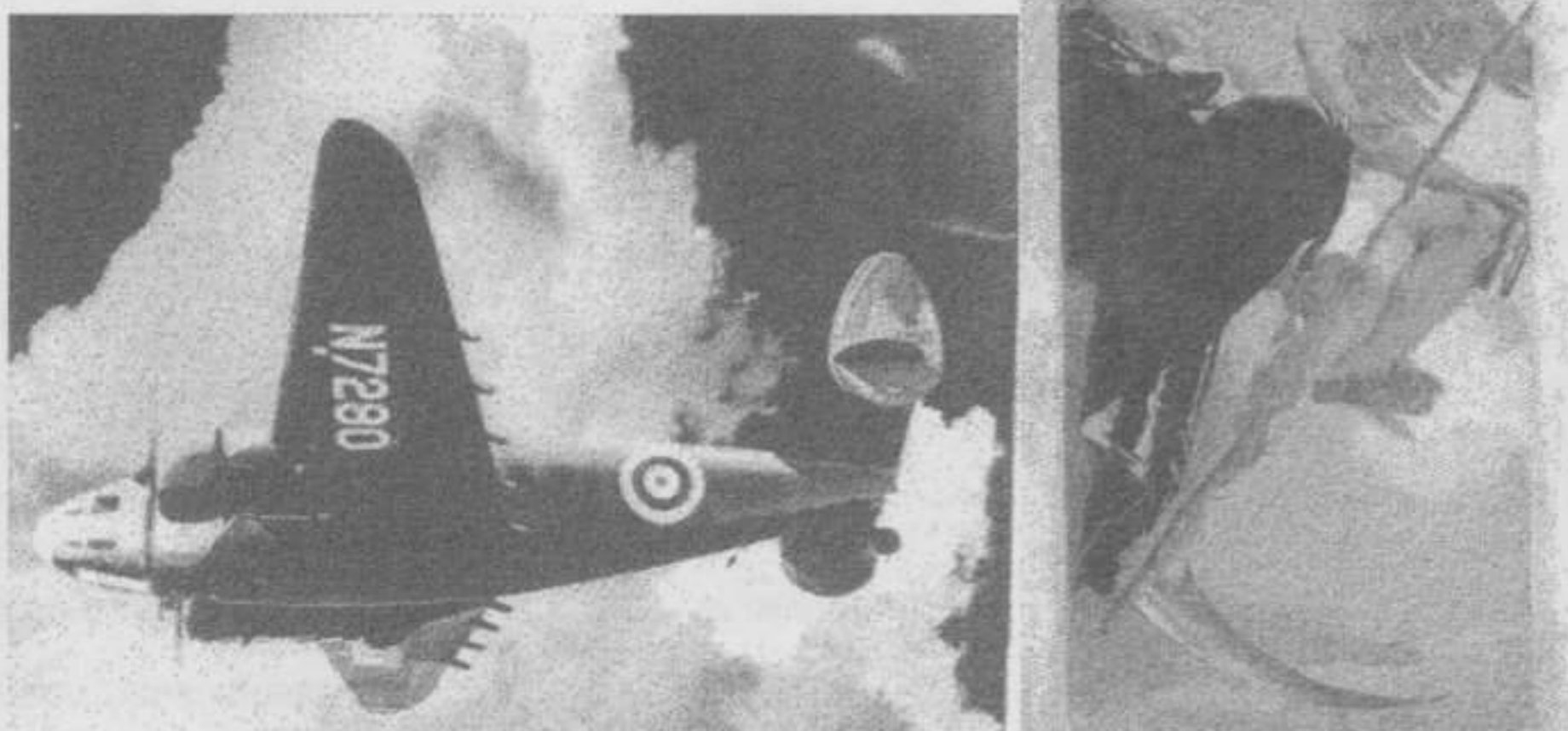
O mesmo problema surge-nos quando para além da interiorização de um programa, da resolução de todas as questões urbanísticas e arquitectónicas, é-nos pedido que o façamos no mínimo de tempo possível e com o máximo de pertinência. Perante tal urgência, só a maturidade e a experiência trarão a clareza de pensamento e a capacidade de desenho necessárias, para responder a tais questões com cada vez maior pertinência. Deste modo, será possível considerar programas e escalas de desenho cada vez mais complexos, ao mesmo tempo que a fronteira entre as vontades e a materialização das mesmas se dilui.

Centro de Exposições e Congressos do Estoril





3.3 . *Dictum* nº 3 "Usa as 4 dimensões"



Cenografia da ópera "Les troyens" de Berlioz - 2ª parte "Les Troyens à Carthage", Teatro Nacional de S. Carlos, Lisboa

Projecto: Manuel Graça Dias + Egas José Vieira; Colaboração: Paulo André Rodrigues e José António Aires Pereira

Projecto (Janeiro/Fevereiro); Execução (Junho/Julho)

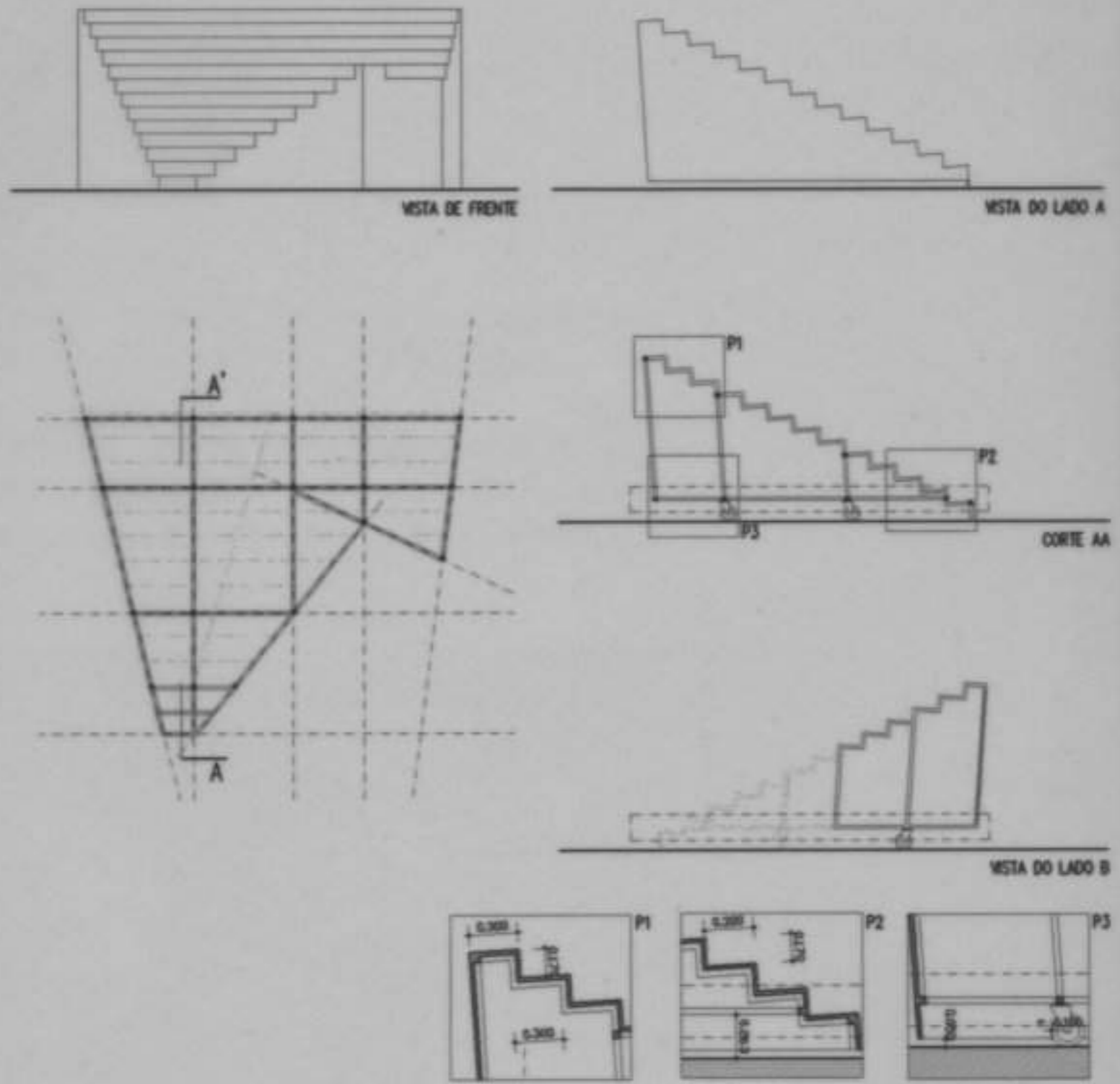
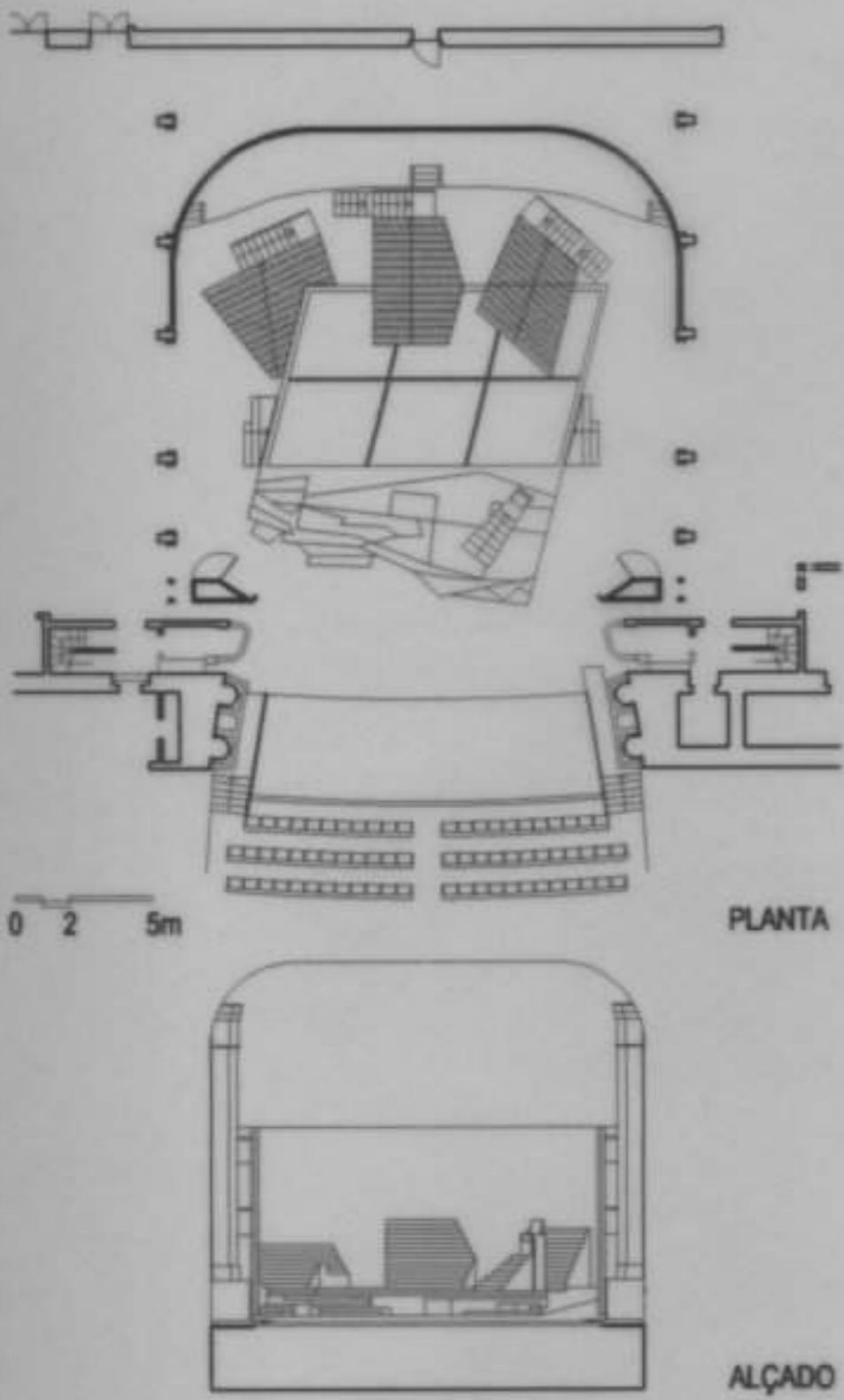
Eneias dirige o exército troiano para uma missão divina, a fundação de Roma, deixando para trás Tróia caída em desgraça. A longa epopeia leva os troianos até Cartago, onde irão combater o exército do cruel Jarbas, salvando os cartagineses da tirania deste. Dido, rainha de Cartago, perde-se de amores por Eneias que, no entanto, pretende continuar até ao fim a sua viagem. Perante a partida de Eneias, só a morte devolverá a Dido a honra e glória perdidas.

O argumento, tal como a música, foram escritos por Hector Berlioz como homenagem a Virgílio, autor que o acompanhara e emocionara ao longo de toda a sua vida. Em Paris, a 4 de Novembro de 1863, foi vista pela primeira vez, embora na sua versão parcial, uma vez que só

CENOGRAFIA DA ÓPERA "LES TROYENS" DE BERLIOZ - 2ª PARTE - LES TROYENS À CARTHAGE

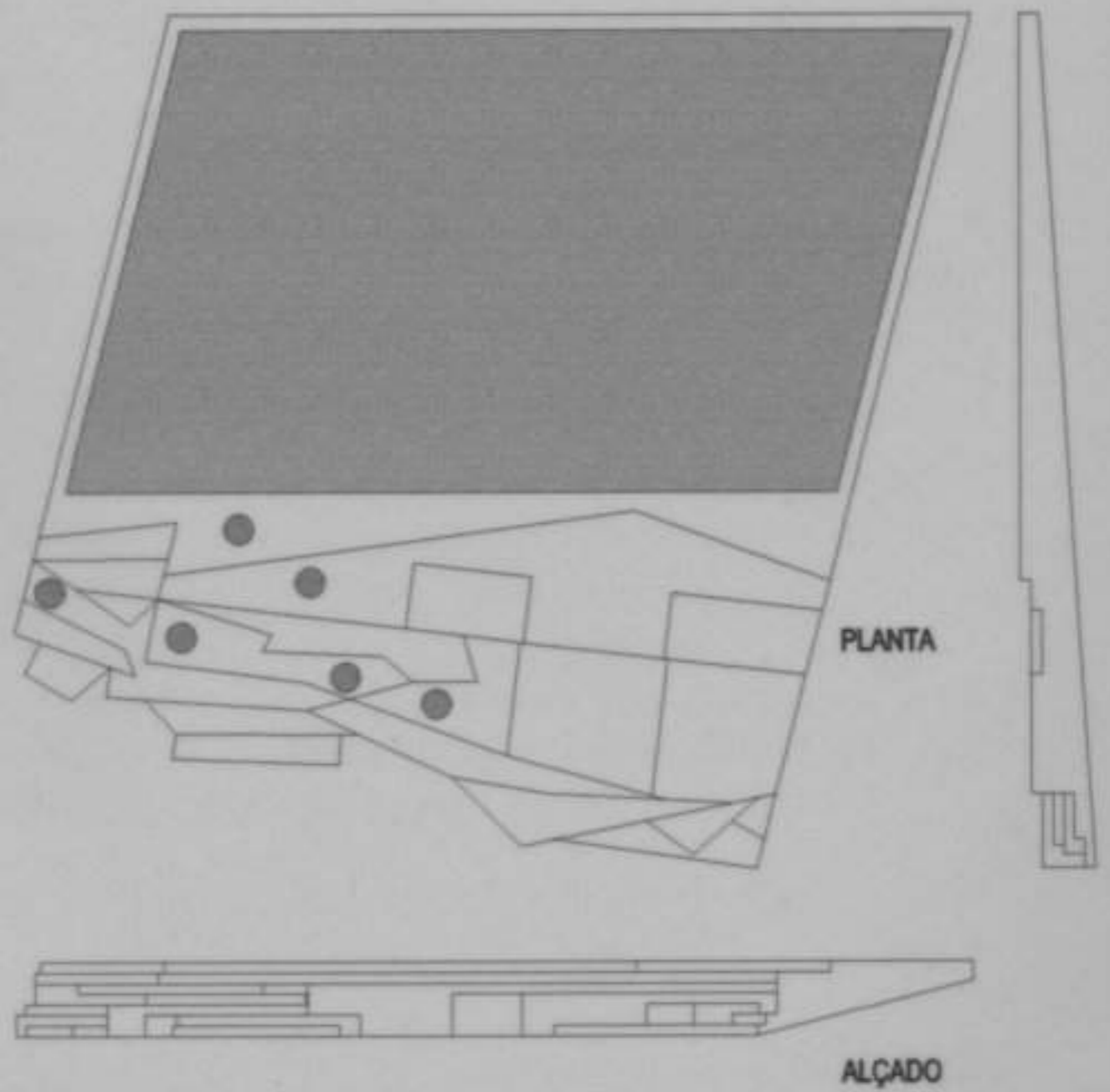
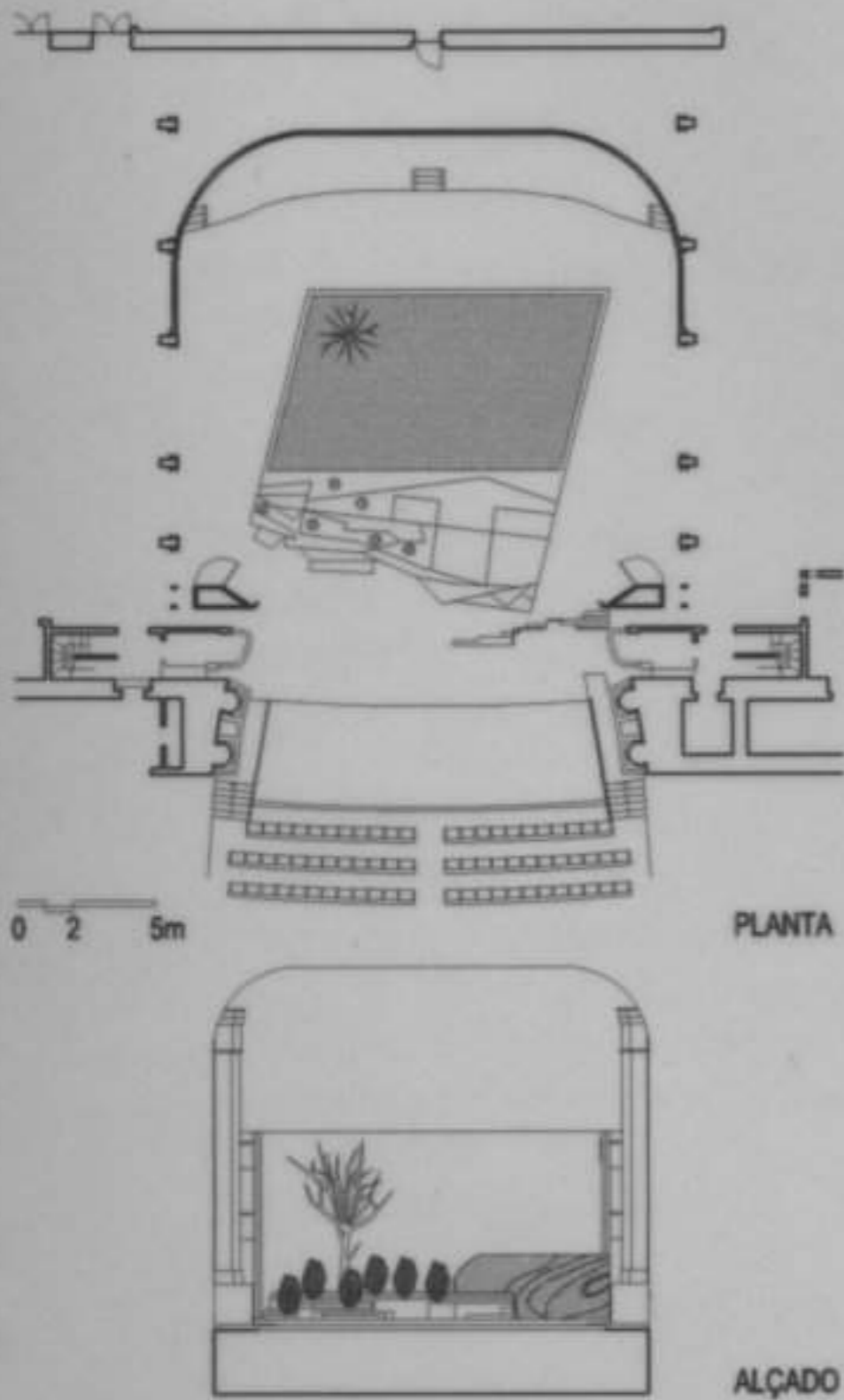
ACTO I - PRIMEIRO QUADRO

PORMENORIZAÇÃO DE UMA DAS ESCADARIAS



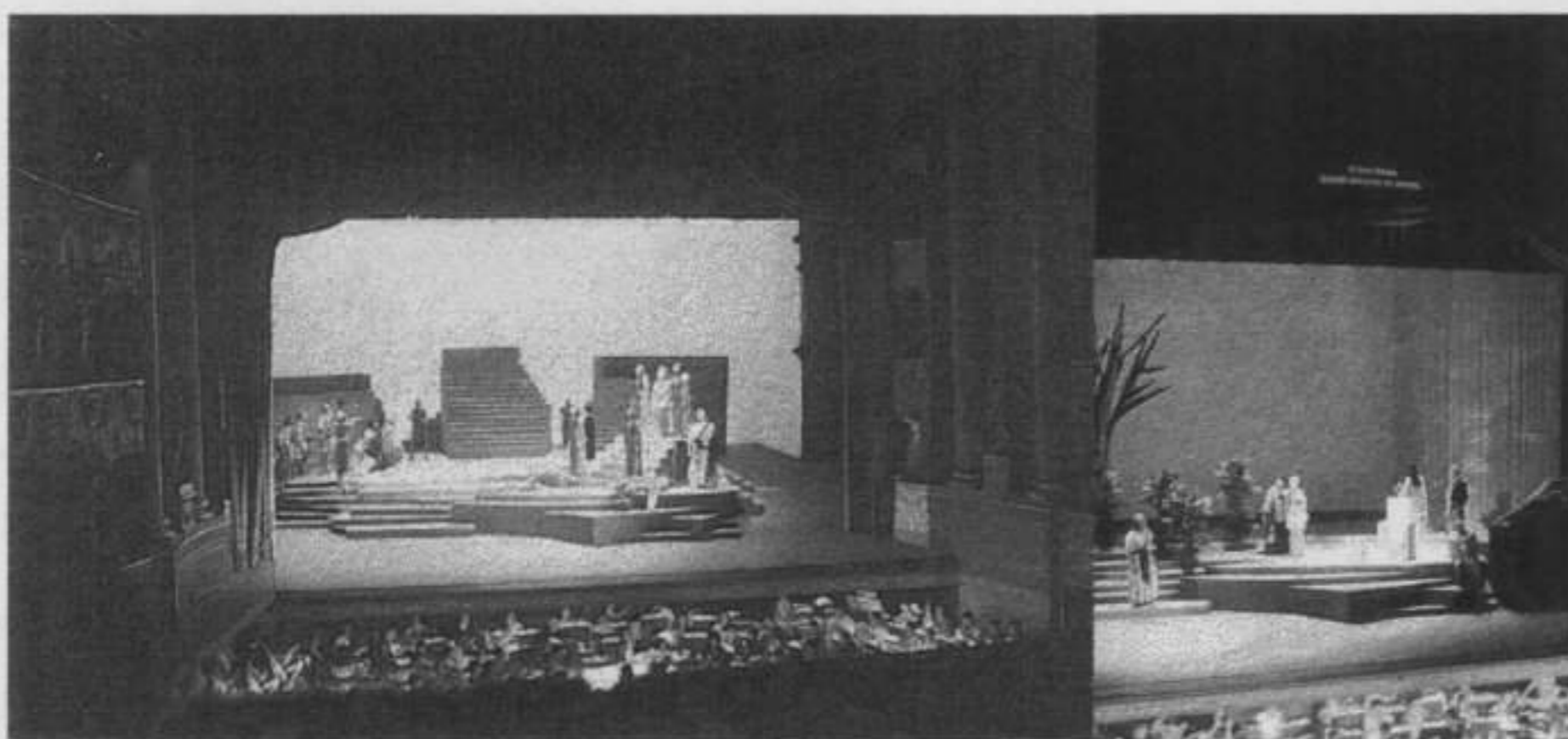
ACTO II - PRIMEIRO QUADRO

PLATAFORMA DO PALCO



seria representada na totalidade já após a morte do seu autor. A obra sobreviveu a Berlioz, como a Eneida a Virgílio, e era agora reinterpretada para cinco actuações no Teatro Nacional de S. Carlos.

O projecto de cenografia surge maioritariamente do diálogo entre as (muitas) partes envolvidas na produção. O encenador, a equipa do Teatro Nacional de S. Carlos, figurinistas, coreógrafo, e cenógrafos reúnem-se sucessivamente até ser possível reunir um consenso entre todas as vontades e limitações.



A solução final baseava-se numa plataforma sobreposta ao palco, que acompanharia a acção do início ao fim. Este objecto teria a capacidade de se transformar ao longo dos actos, quer através de mecanismos que continha em si mesmo, quer através de outros elementos que lhe eram sobrepostos. Assim, o mesmo objecto seria cidade, floresta, porto, aposento real e templo.

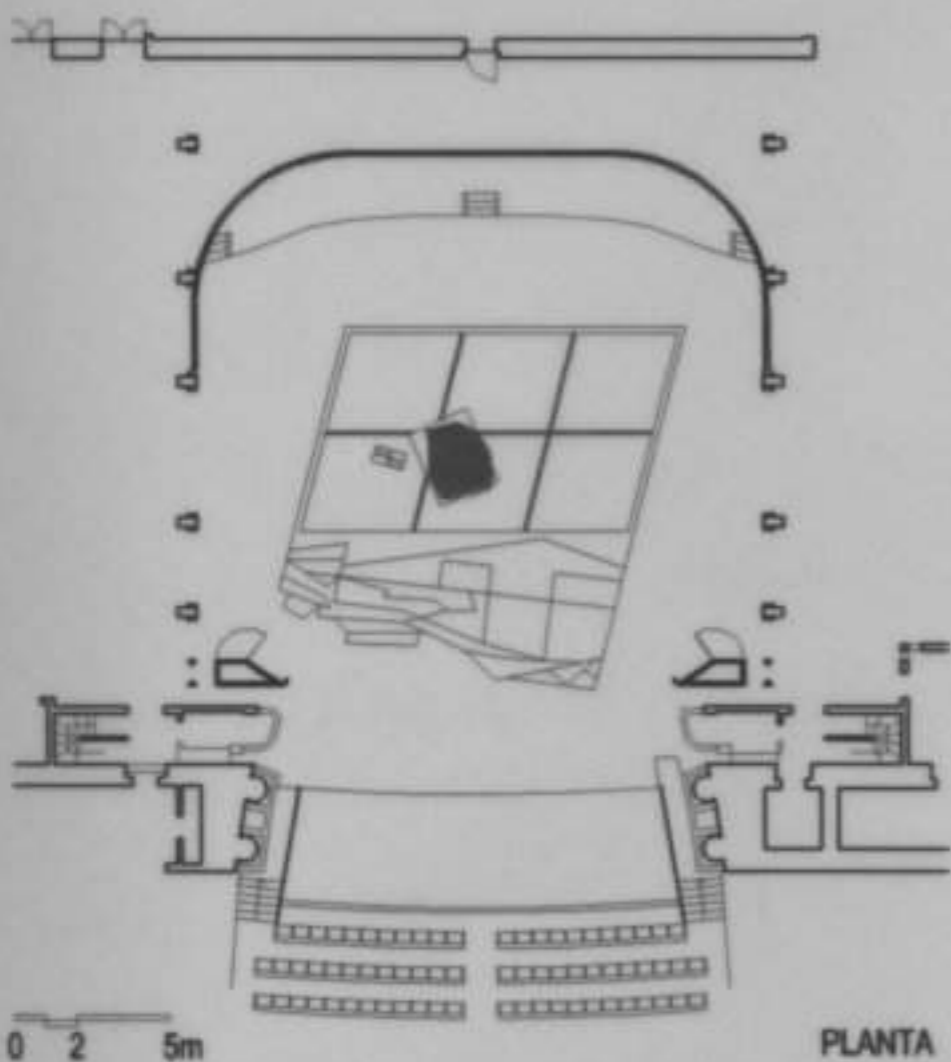
Para além do interesse em verificar a capacidade que um só objecto teria em recriar tantos ambientes, havia também o interesse em anular problemas e tempos de montagem/desmontagem entre actos. Restava agora desenhar todos os objectos que acompanhariam o rochedo, os figurantes e os personagens, desde as escadarias, aos tronos, a árvore, a cama até aos altares e outros adereços.

Ao mesmo tempo que o cenário é construído, começam os trabalhos com os figurantes que durante semanas irão ensaiar as suas entradas e posições no palco. Paralelamente é desenvolvido um exercício semelhante para organizar a componente musical da obra.

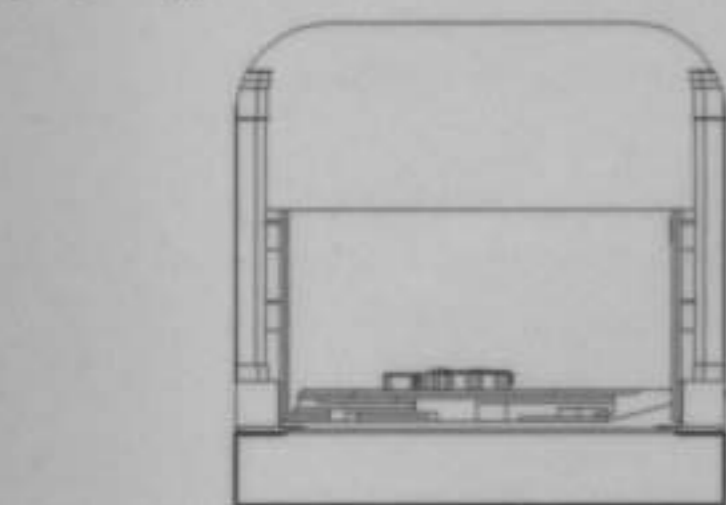
Perto da estreia, todas as componentes da obra estão juntas em palco quando o técnico de luzes inicia o seu trabalho de manipulação/trans formação da realidade existente. Nos dias que antecedem a estreia, o edifício do teatro vive desta azáfama que só acabará quando tudo estiver pronto.

ACTO III - PRIMEIRO QUADRO

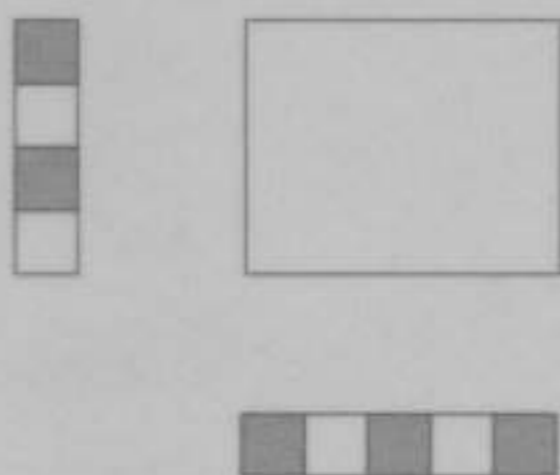
CAMA E MESA DE CABECEIRA



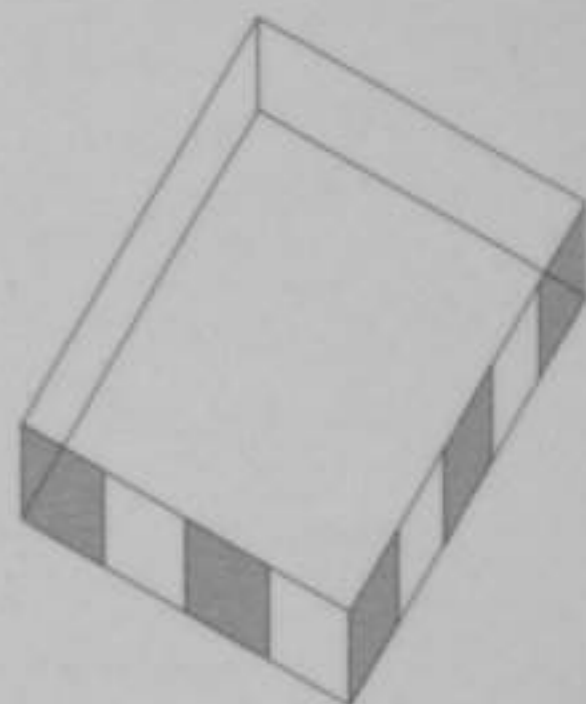
PLANTA



ALÇADO



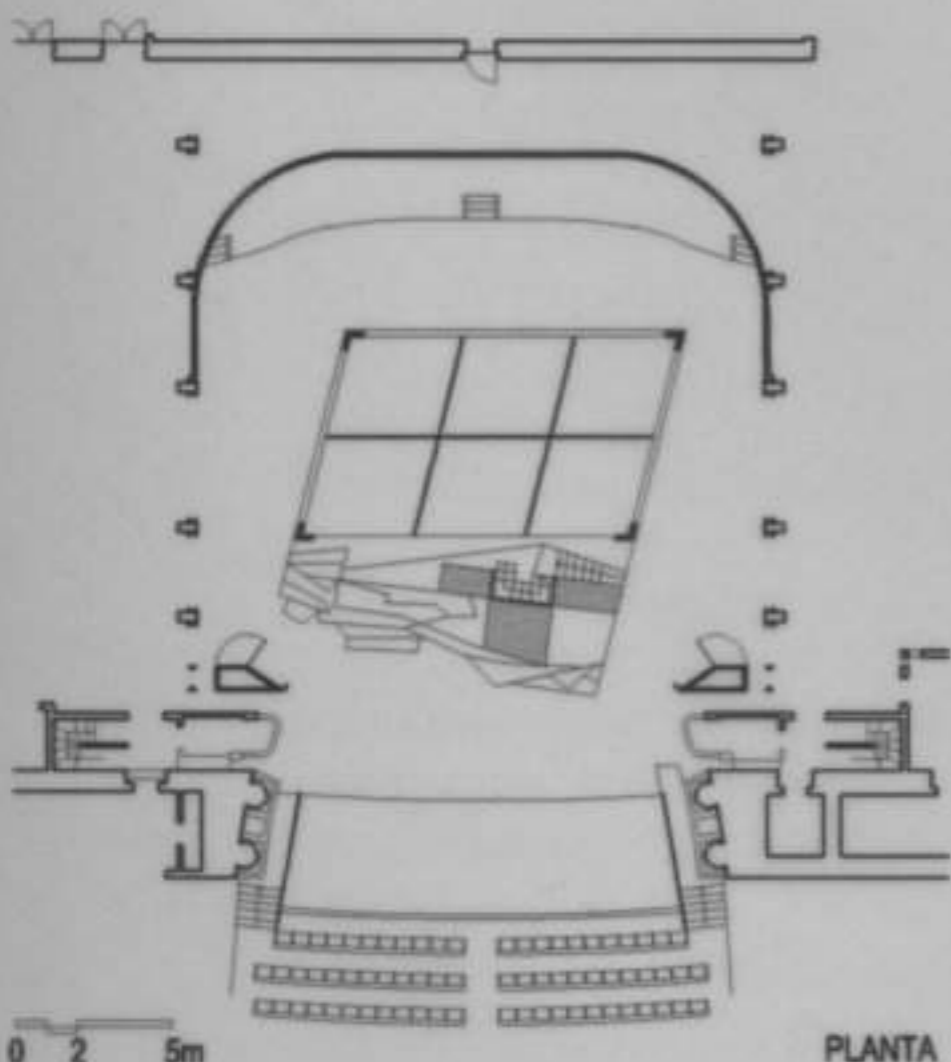
VISTAS



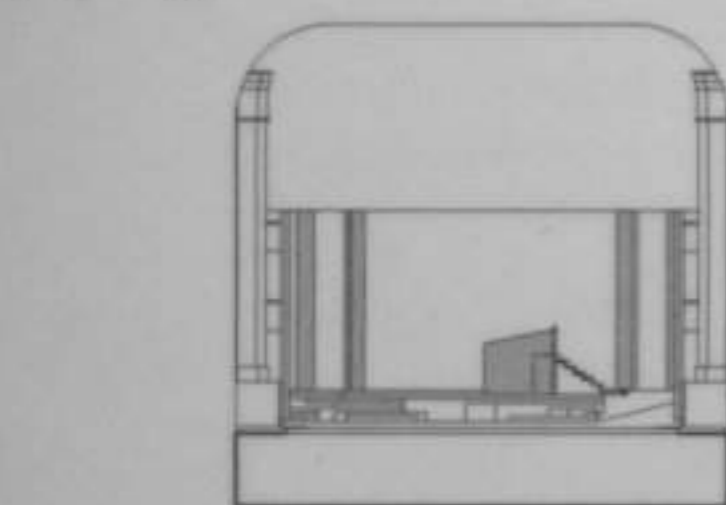
AXONOMETRIA

ACTO III - TERCEIRO QUADRO

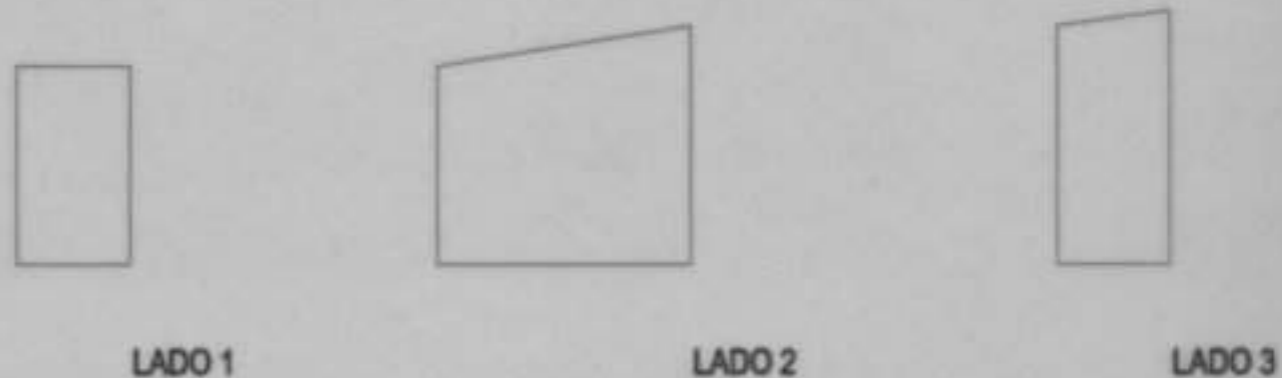
PIRA E ESCADA DE ACESSO



PLANTA



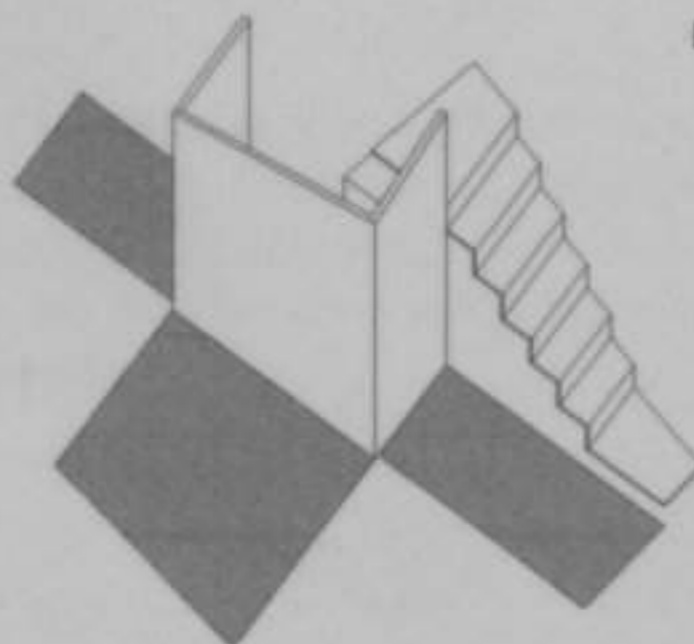
ALÇADO



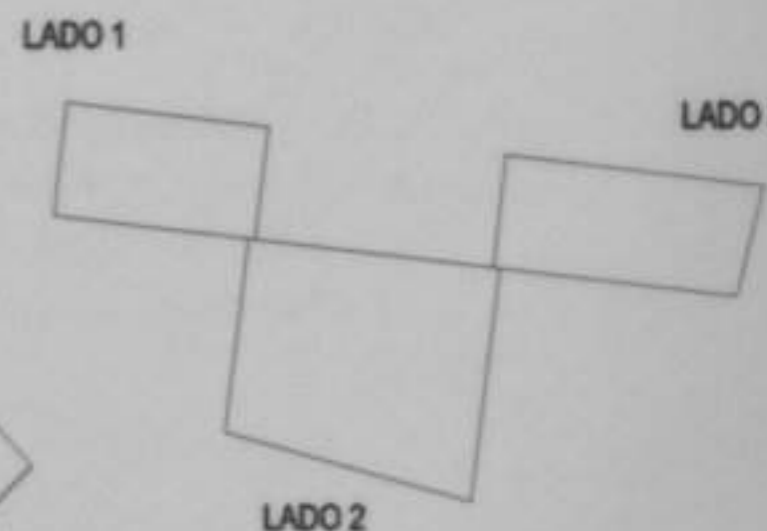
LADO 1

LADO 2

LADO 3



AXONOMETRIA



LADO 1

LADO 2

LADO 3

PLANTA DA PIRA (DESMONTADA)

Cenografia do programa de televisão "Herman 98", RTP

Projecto: Manuel Graça Dias + Egas José Vieira; Colaboração: Paulo André Rodrigues e José António Aires Pereira

Projecto (Março); Execução (Maio)

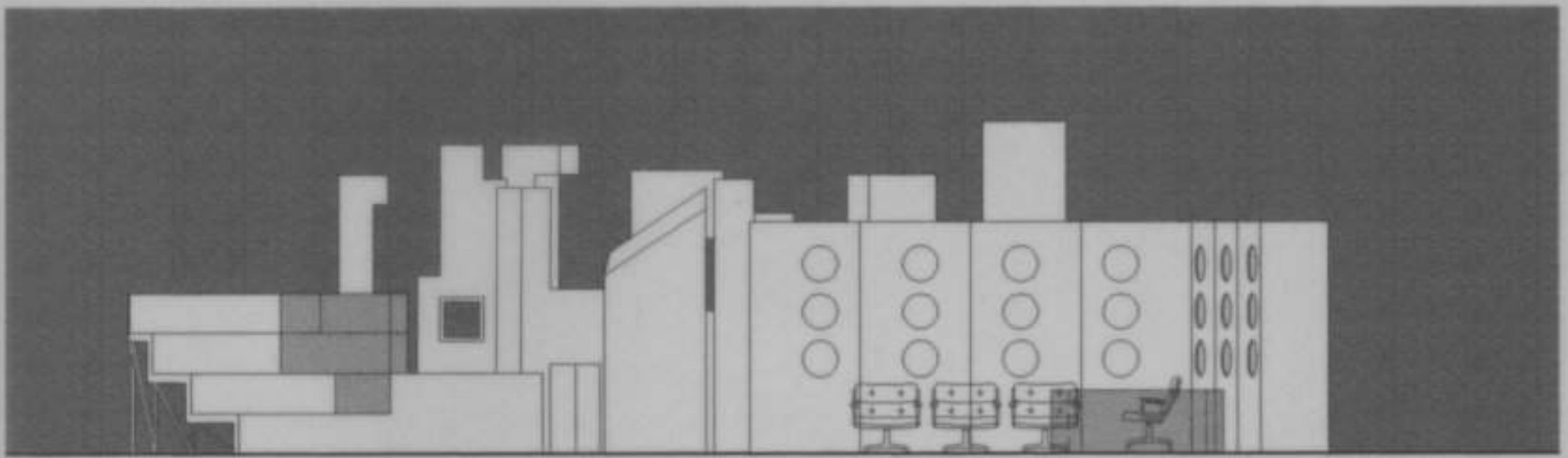
Era pedido um cenário para um *Talk Show*, baseado num modelo já experimentado e aperfeiçoado por outras cadeias de televisão:

Um apresentador sentado numa secretária, enfeitada por canecas que conferem ao programa o (conveniente) carácter informal, entrevista três celebridades sentadas ao seu lado. Ao fundo, numa falsa janela, vêem-se as luzes de uma qualquer cidade contemporânea. De outro lado e suficientemente afastada para garantir uma área para actuações diversas, encontra-se uma banda musical que ilustrará as entradas dos convidados e as pausas para publicidade.

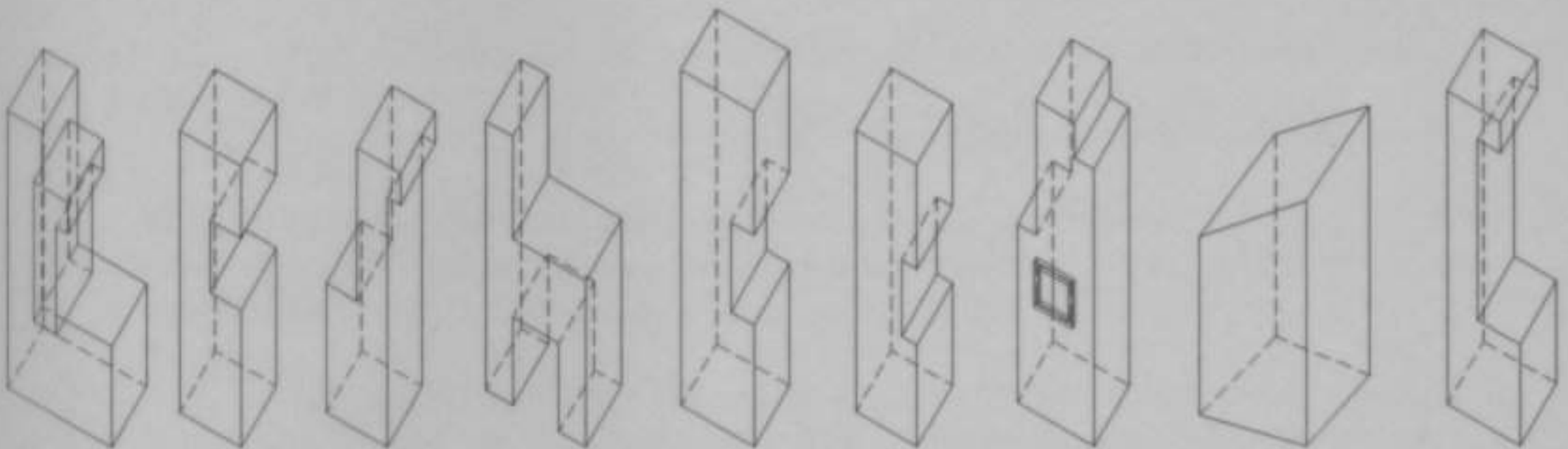


Aparentemente o modelo estava encontrado e restava desenhá-lo. Mas não, este programa seria diferente, o apresentador, assim como os seus convidados, eram observados por criaturas marinhas ao espírito da época, a secretária (lindíssima) seria em vidro opalino, não existiriam canecas e, ao fundo, estranhas geometrias criariam uma cidade imaginária, talvez uma daquelas que nos fala Calvino.

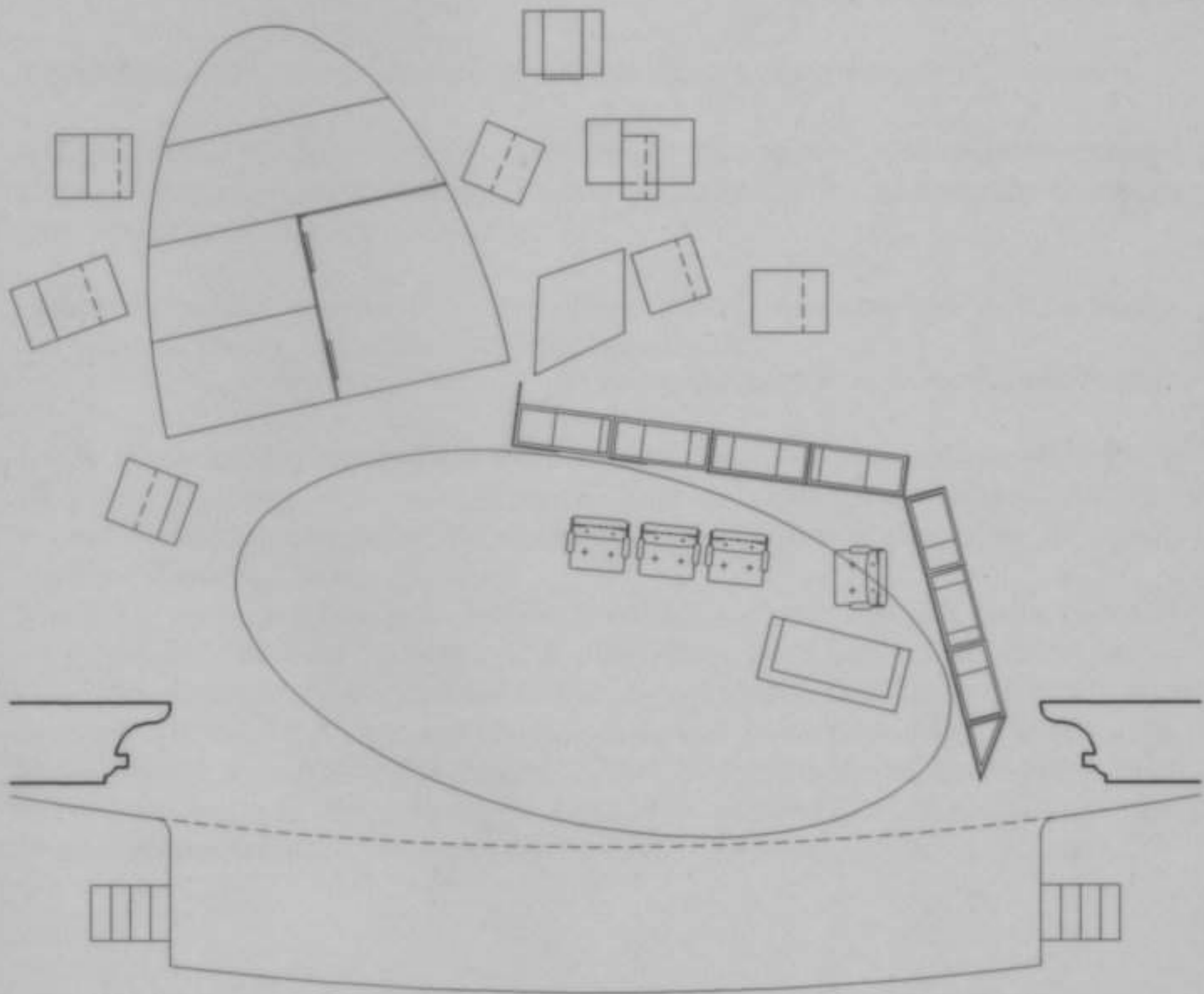
Reuniões com a equipa de produção do programa, alertaram para novas vontades e para especificidades próprias do mundo da televisão, fazendo evoluir os sucessivos desenhos e maquetes até à sua forma final. A execução foi feita rapidamente e sem sobresaltos, até porque a estreia do programa não podia ser mais adiada e, também, porque em cenografia as coisas só têm que parecer, não precisam de ser.



ALÇADO DO CONJUNTO



AXONOMETRIAS DOS "MONSTROS"



PLANTA DO CONJUNTO - VERSÃO PARA O TEATRO DE S. LUIZ

No seu terceiro *dictum*, Yeager alertava para a necessidade de *usar as 4 dimensões*, explicando que muitos pilotos não entendiam que ao controlarem o ritmo das manobras de vôo, estariam a controlar o tempo.

" (...) o tempo, evidentemente, não é só uma dimensão entre outras, é a dimensão da qual todas as outras surgem."

Kwinter, Sanford in "Flying the bullet, or when did the future begin?"

Aos Arquitectos o problema do Tempo, coloca-se ao nível da percepção que temos das coisas que nos rodeiam, nomeadamente dos espaços construídos. Habitámo-nos a prever a experimentação directa do espaço como modo privilegiado de o apreender.

" (...) Em Arquitectura, no entanto, o fenómeno é totalmente diferente e concreto: aqui é o homem que, movendo-se no edifício, estudando-o de pontos de vista sucessivos, cria, por assim dizer, a quarta dimensão, dá ao espaço a sua realidade integral."

Bruno Zevi in " Saber ver a Arquitectura"

Mas, na ópera como na televisão, as coisas não se passam exactamente como esperamos.

A ópera assenta num argumento, que narra uma qualquer sucessão de acontecimentos ou acções, e na música. Esta não se limita a ilustrar o argumento, fá-lo mas mantendo-se sempre como uma entidade abstracta e autónoma.

" A tarefa mais árdua consiste na busca da forma musical, essa forma sem a qual a música não existe, ou sem a qual é apenas a serva cobarde da fala."

Berlioz citado por Ian Kemp in "A Unidade de Les Troyens"³

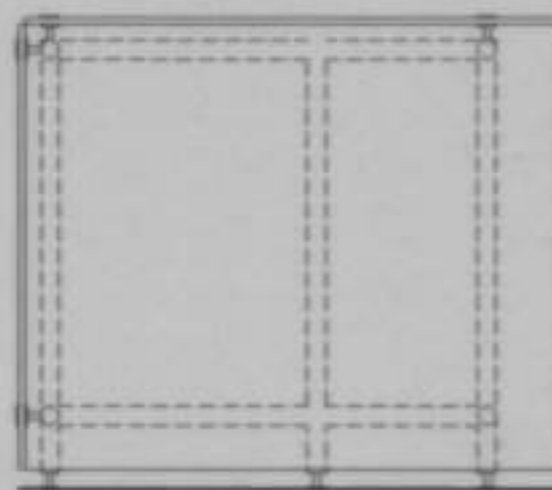
A esta tensão entre o argumento e a música, juntar-se-ão na apresentação em palco, a encenação criada pela Arquitectura, figurantes, figurinos, personagens, interpretes, adereços e luzes. Fazendo do todo, perante uma audiência estática, uma entidade que, de certo modo, existe por si mesma, mas que não é real.

Sem querer comparar o nível de complexidade artística e intelectual de uma ópera, com o de um programa de televisão, também aqui a Arquitectura, ainda que segundo outras regras, está sujeita à manipulação da realidade feita por algo ou alguém. O realizador gere os olhares de várias câmaras dispostas no estúdio, fazendo rápidos *travellings* através do cenário antes de um intervalo ou grandes planos de uma celebridade consternada, de acordo com a lógica do programa e com as regras da própria televisão. O resultado final que chegará a nossas casas, será algo de muito diferente daquilo que os presentes no estúdio experienciaram.

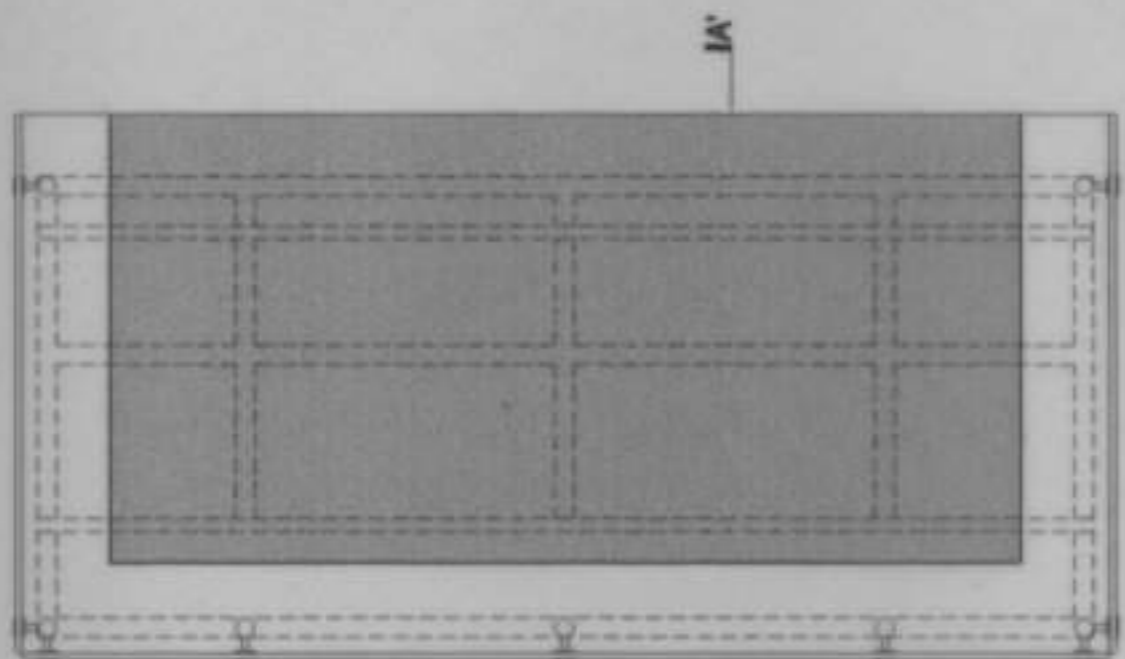
³ Ensaio publicado no Programa de "Les Troyens - 2ª parte - Les Troyens à Carthage", Teatro Nacional de S. Carlos, Lisboa, 1998



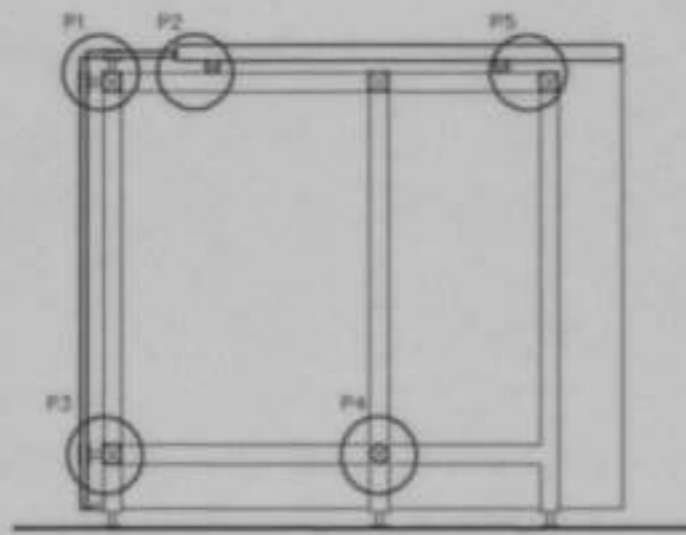
ALÇADO



ALÇADO LATERAL



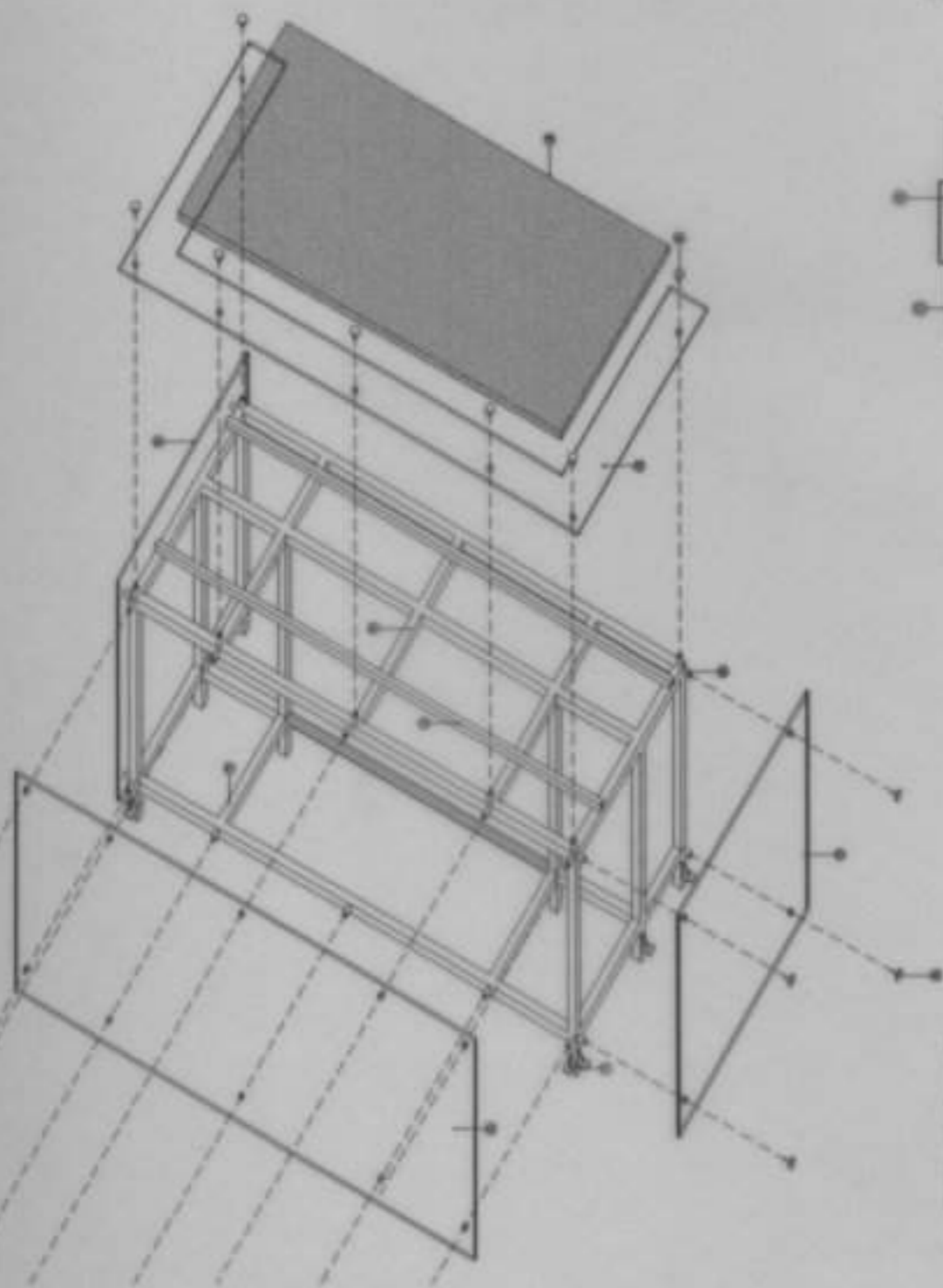
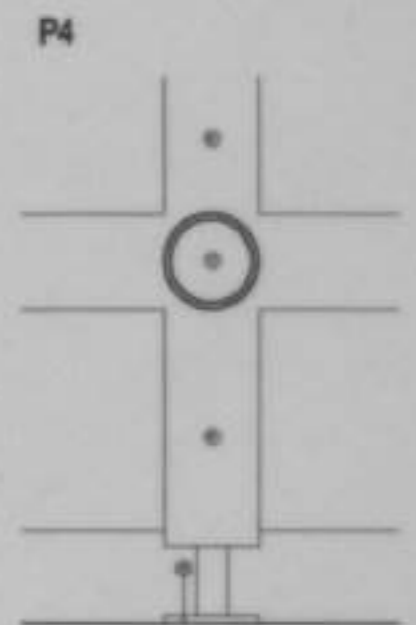
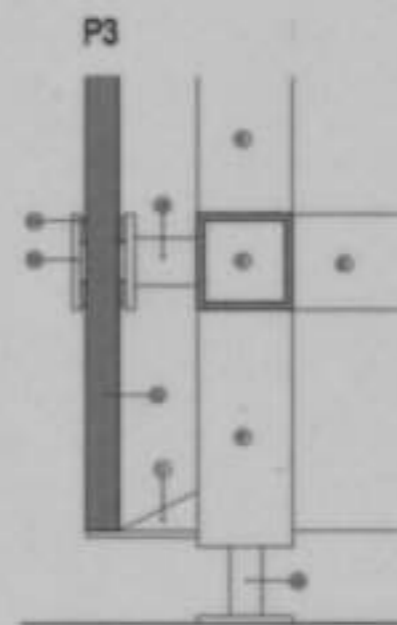
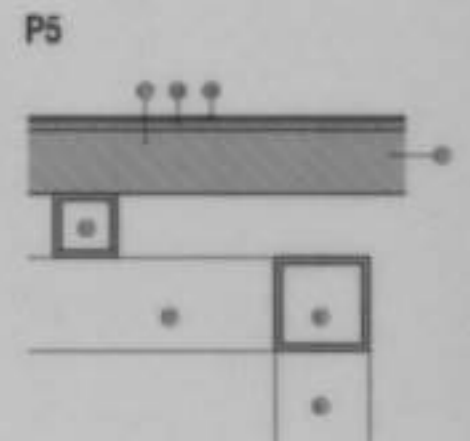
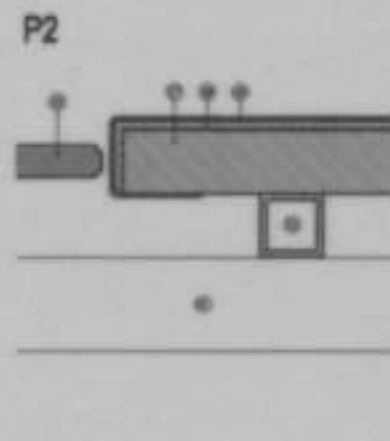
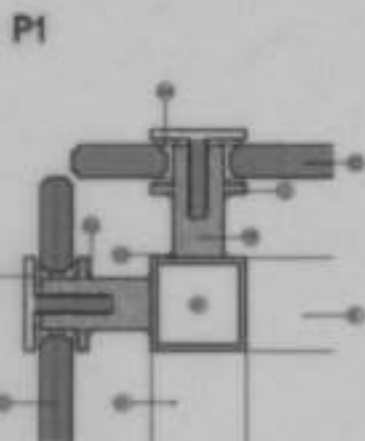
PLANTA



CORTE AA'

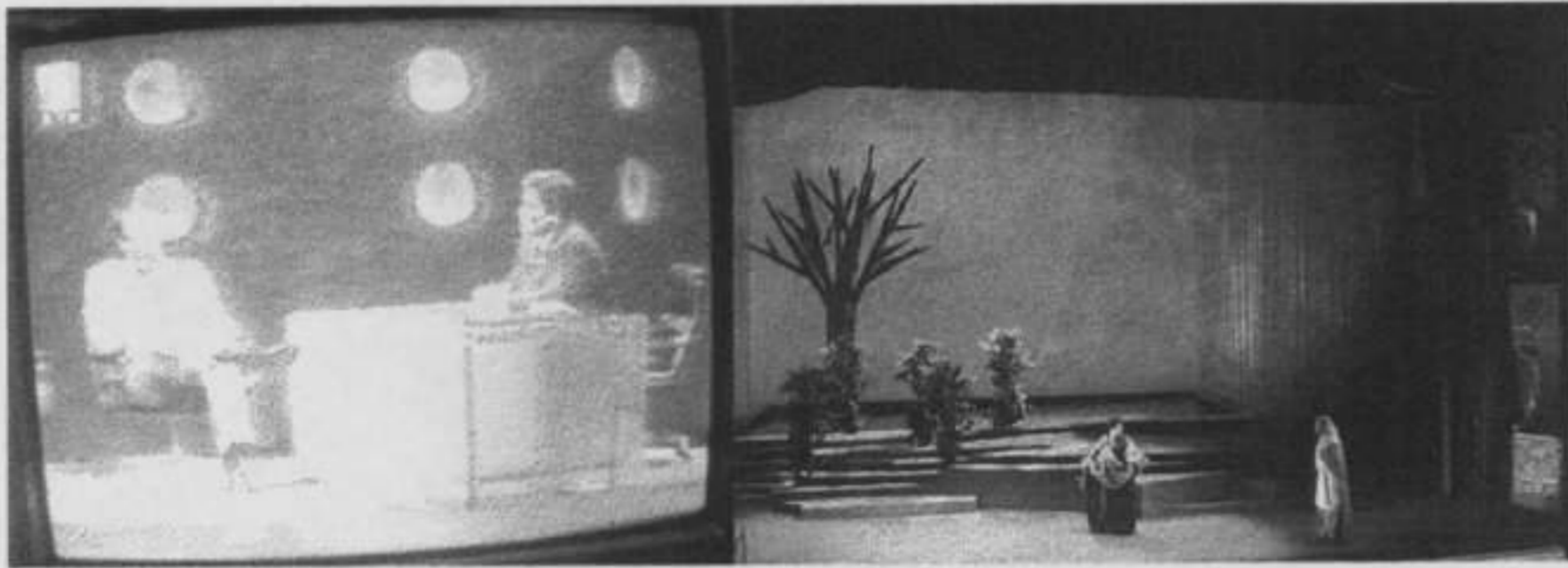
0.2 0.4 1m

PORMENORES



01-TUBO METALICO DE SECCAO QUADRADA (30X30mm) PARA PINTAR 02-VIDRO OPALINO DE 10mm DE ESPESSURA BOLEADO 03-SOLDADURA
 04-ANILHA DE NEOPRENE 05-CHAPA METALICA PARA PINTAR COM 30mm DE DIAMETRO E 3mm DE ESPESSURA, SOLDADA NO EIXO A UM VARAO
 ROSCADO DE 6mm 06-VARAO METALICO COM 1,6mm DE DIAMETRO E ROSCA INTERIOR DE 6mm PARA RECEBER TAMPONAMENTO
 07-CONTRAPLACADO MARITIMO COM 20mm DE ESPESSURA 08-ESPUMA 09-PELE PRETA (IDENTICA A DAS CADEIRAS 10-TUBO METALICO DE
 SECCAO QUADRADA (20X20mm) PARA PINTAR 11-T METALICO COM 30X30X3mm PARA PINTAR 12-TUBO METALICO DE SECCAO REDONDA
 (20X20mm) PARA PINTAR 13-CHAPA METALICA PARA PINTAR COM 30mm DE DIAMETRO, COM FURACO DE 1,6mm DE DIAMETRO NO SEU EIXO E
 3mm DE ESPESSURA

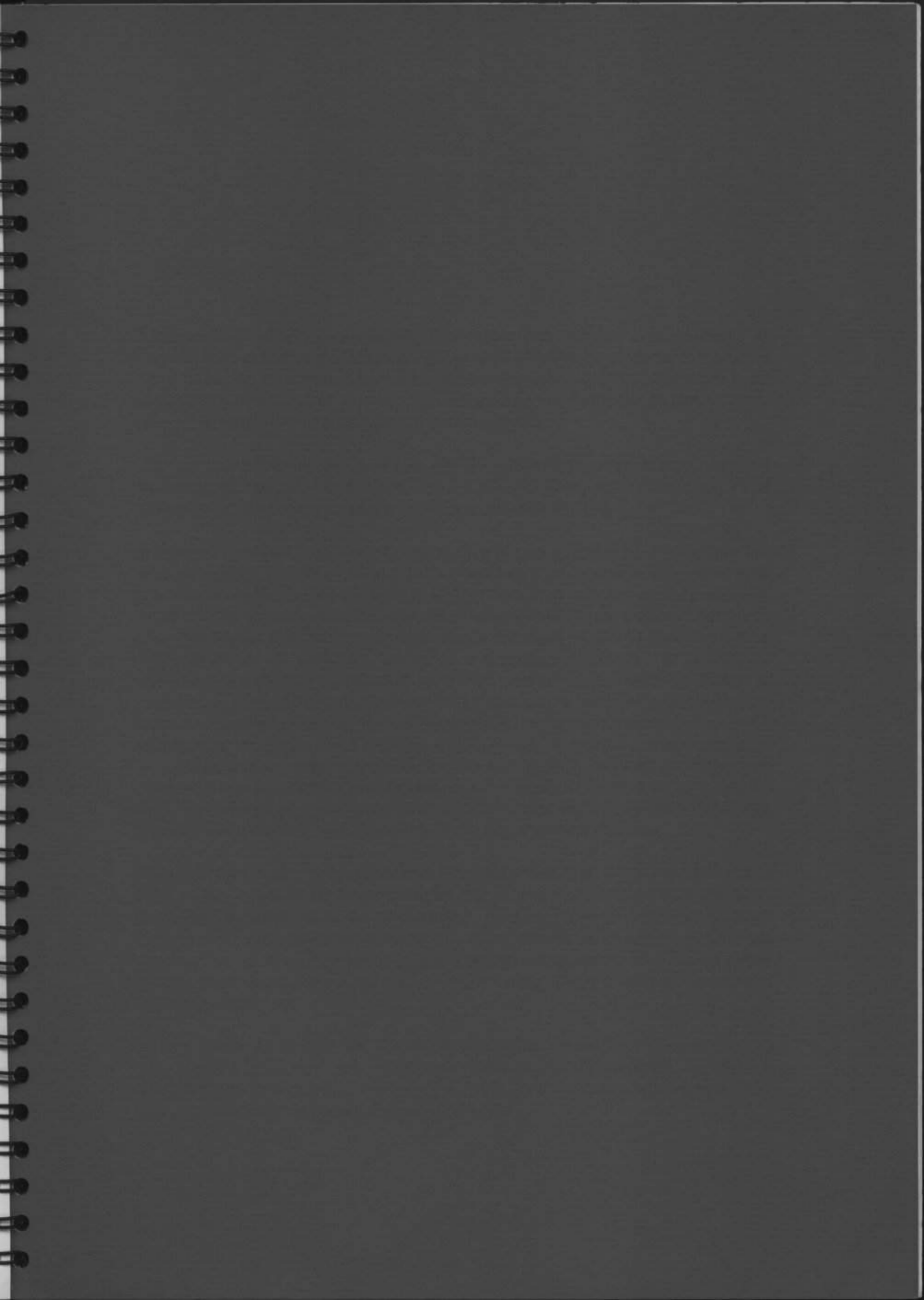
NOTA: TODOS OS ELEMENTOS METALICOS SERAO DECAPADOS, METALIZADOS A ZINCO E PINTADOS COM TINTA DE ESMALTE
 CINZENTO ANTRACITE (RAL7012)



" Enquanto que a casa é um objecto concreto, palpável, contornável, perdura quer a gente lá esteja ou não, não deixa de existir se não for utilizada; o cinema só existe quando é projectado, só se vê quando é projectado e tem um tempo determinado. Aí está mais perto da música(...) A música e o cinema só existem, respectivamente, na execução e na projecção."

Manoel de Oliveira *in* "Arquitectura e Cinema - da Câmara escura a Celebration 34747"

A Arquitectura que suporta a ópera e a televisão, assim como aquela suporta o cinema, está perante um dilema/contradição que tem a ver com uma das condições da sua existência, a materialidade.



4 . Conclusão

O estágio é um período de necessária ambiguidade, pois refere-se a um momento de transição. Durante esta, sentiremos pelas últimas vezes o conforto do academismo e seremos confrontados com as naturais e inevitáveis lacunas que este nos deixou. Resta-nos agora conservar a curiosidade e os interesses que a Faculdade nos despertou, ao mesmo tempo que nos preparamos para a adaptação a uma nova realidade.

Perante a necessidade de uma avaliação, parece-me importante realçar o papel dos meus orientadores de estágio, Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, assim como o das várias outras pessoas que perfazem a equipa de trabalho da Contemporânea.

Os primeiros por terem acreditado em mim o suficiente para confiarem algumas (crescentes) responsabilidades, mantendo uma equilibrada posição de rigor, ao mesmo tempo consciente (paciente) das fragilidades e dificuldades da inexperiência. Proporcionando-me a oportunidade de participar em trabalhos de várias naturezas e de vários níveis de complexidade, durante os quais experimentei as particularidades e problemas das várias escalas de trabalho. Desde a atitude urbanística do *Centro de Exposições e Congressos do Estoril*, ao desenho de mobiliário para o *Herman 98*, passando pelos problemas da construtividade do *Edifício de Auditórios*, fui confrontado com uma inesperada diversidade de situações, que contribuíram decisivamente para a intensidade desta experiência. Do mesmo modo que contribuíram para o desdramatizar da relação com o desenho, a nível do domínio formal ou mesmo na relação com a materialidade/realidade das coisas. Também a confrontação, em obra, das vontades do projecto com quem as executa, se apresentou como uma nova realidade. A de ver o plano do desenho transformar-se em matéria concreta com todos os problemas que isso pode (ou não) acarretar, mas certamente com o fascínio de ver as coisas tornadas realidade.

Se as condições criadas pelos orientadores do estágio foram muito importantes, não menos foram as que os outros habitantes do Atelier criaram para que eu me pudesse ambientar. Receberam-me como se já me conhecessem e estiveram disponíveis para qualquer esclarecimento, que a minha inexperiência ou a curta permanência no Atelier não permitiam responder. De um modo progressivo e (quase) pedagógico, souberam exigir mais e melhor trabalho, alertando-me sempre que necessário para soluções que a sua maior experiência havia já resolvido.

Sinto-me apenas no início de um crescimento profissional e intelectual, mas estou certo de que a experiência que aqui tentei relatar, me foi extremamente útil e completa. Faz parte da minha formação de Arquitecto, como fez a Faculdade, como fizeram os colegas, os livros, o cinema, as cidades ou as viagens. Faz parte da história.

1. El Colegio

Mano Anillo, The Eight Years

Editor, Consejo Nacional de Investigaciones Científicas, México, D.F., 1954

Arquitectura y Escultura - de la Cámara Mexicana de la Industria del Cemento 34747

Editor, Libro, Primer Curso de Licenciatura, Departamento de Estudios de Ciencias y Tecnología de la Universidad de Guaymas, Guaymas, 1956

Decoración de Cemento

Taller, Taller de Diseño de Azulejo, Libro, 1973

El Colegio n° 1955 - Juan Riquelme

El Colegio Editorial, México, 1954

Enciclopedia Ibero-Americana de Cultura

Editorial de las Letras, 1955

Grupos de Arte y Escultura - Proyectos 1955-1960

Editorial de las Letras, 1967

Los Tropicales - 2ª parte - Los Tropicales A Capitulo

Programa, Taller Nacional de S. Carlos, México, 1955

Una Día Libre de Arquitectura

Editor, Libro, Una Mañana, Editorial de las Letras S.A., Barcelona, 1955

Por Una Arquitectura

La Universidad, Centro de Investigaciones de São Paulo, São Paulo, 1973

How to teach architecture with students

Proyecto Arquitectónico, Taller, São Paulo, 1955

El Colegio de São Paulo

Dr. João Carlos de Almeida Martins, Fundação Editora de São Paulo, São Paulo, 1973

5 . Bibliografia

Alvar Aalto - The Early Years

Schildt, Goran; Rizzoli International Publications, Inc., Nova Iorque, 1984

Arquitetura e Cinema - da Câmara Escura a Celebration 34747

Urbano, Luis; Prova Final de Licenciatura, Departamento da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1998

Discurso da Cidade

Taveira, Tomás; Edição do Autor, Lisboa, 1973

El Croquis nº65/66 - Jean Nouvel

El Croquis Editorial, Madrid, 1994

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura

Editorial Verbo Lda, Lisboa, 1964

Graça Dias + Egas Vieira - projectos 1985/1995

Estar Editora, Lisboa, 1997

Les Troyens - 2ª parte - Les Troyens à Carthage

Programa, Teatro Nacional de S. Carlos, Lisboa, 1998

Los Diez Libros de Arquitectura

Vitrúvio, Marco Lucio; Obras Maestras, Editorial Iberia S.A., Barcelona, 1995

Por Uma Arquitectura

Le Corbusier; Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973

Rem Koolhaas: conversations with students

Princeton Architectural Press, 2ª edição, Nova Iorque, 1996

Saber Ver a Arquitectura

Zevi, Bruno; Coleção A, Livraria Martins Fontes Editora Lda, 2ª edição, São Paulo, 1989

Agradecimentos

Manuel Graça Dias e Egas José Vieira.

Luis Torgal, Alberto Cruz, Pedro Costa, Gonçalo Dias, Luis Pereira Miguel, João Fonseca,
José António Aires Pereira e Anabela Pacheco Silva.



CONTEMPORÂNEA, LDA

MANUEL GRAÇA DIAS + EGAS JOSÉ VIEIRA • ARQUITECTOS

Paulo André Horta Rodrigues, aluno da *Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa*, estagiou no nosso atelier entre Janeiro e Agosto de 1998.

Os trabalhos a que ficou ligada a sua colaboração foram:

- 1 – Projecto de Execução do *Edifício de Auditórios* do Instituto Superior de Ciências da Saúde-Sul do CESPU (Cooperativa de Ensino Superior Universitário) no Monte da Caparica em Almada;
- 2 – Concurso público internacional, no âmbito da U.E, para a elaboração do projecto do *Centro de Exposições e Congressos do Estoril* (Estudo Prévio);
- 3 – Cenografia da ópera *Les Troyens* (II parte, *La prise de Carthage*) de Berlioz (encenação de Paulo Ferreira de Castro), para o Teatro Nacional de S. Carlos, Lisboa;
- 4 – Cenografia para o programa semanal do Canal 1 da RTP (talk show de Herman José), *Herman '98*, Teatro S. Luís, Lisboa.

Para lá dos diferentes conhecimentos que tão diversificados trabalhos lhe terão trazido - cumprindo, assim, um dos principais requisitos dos estágios: serem um laboratório de confrontação dos alunos com experiências de obra e de projectos concretos, longe da previsível "abstracção" mais ou menos académica - a *não arbitrariedade dos discursos*, terá sido o mote destes quatro projectos em que Paulo André Rodrigues colaborou mais assiduamente.

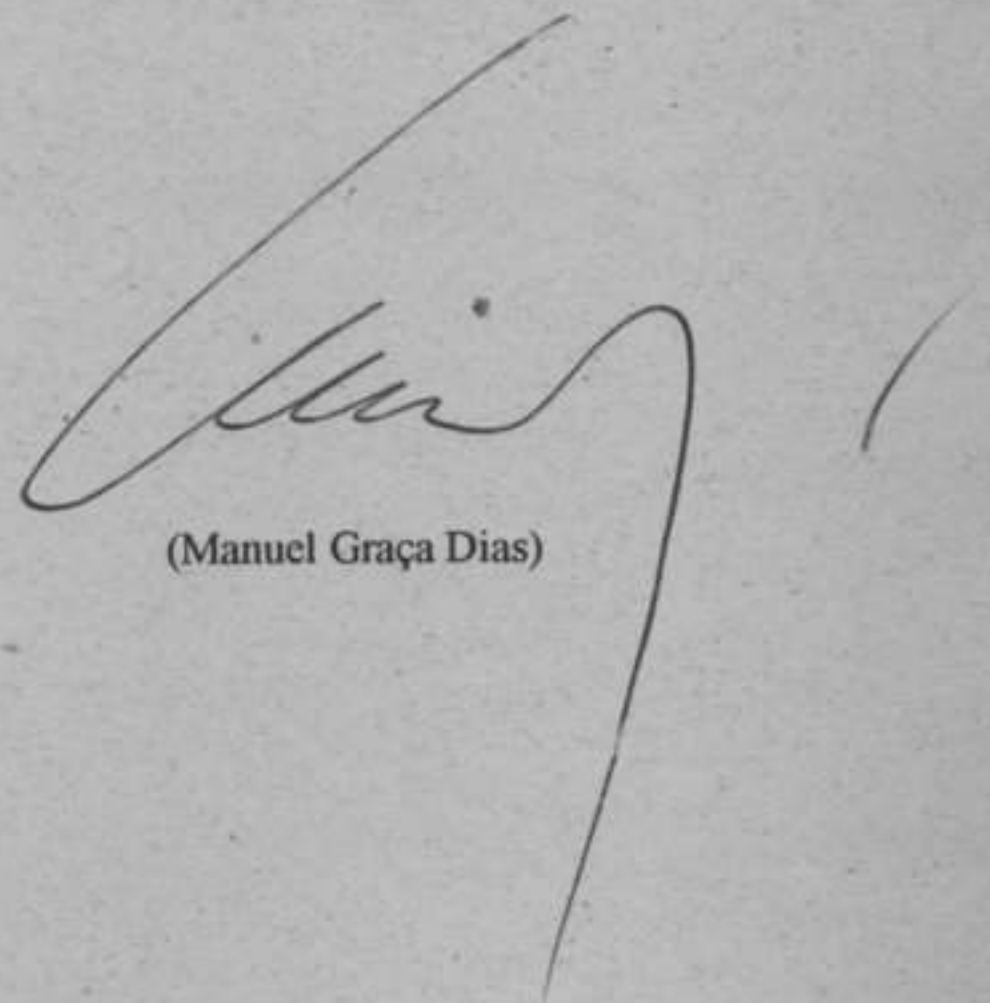
Por um lado, porque essa sempre foi a nossa procura ainda que pareçam "formalistas" os desenhos ou as obras que projectamos. Relativamente expressionistas, a princípio, as construções que temos vindo a produzir pretendem, sempre, durante o processo de amadurecimento projectual, auto-criticar-se, encontrando, posteriormente, no *corpus* programático, construtivo ou técnico, as razões daquela modelação, as zonas de acerto, o espaço de correcção que um primeiro gesto, mais intuitivo ou automático necessariamente exige, sob pena de se produzirem "feitios", requebros aleatórios ou maneirismos, em vez de *Arquitectura*.

Por outro, e porque enquanto docente de arquitectura foi sempre, também, esta vertente que me interessou mais valorizar, foi perante ela que tentei permanentemente colocar Paulo André Rodrigues confrontando-o com o jogo das opções e a "correcção" das escolhas face às diversas regras previamente (por nós) estabelecidas.

Para além de ter colaborado nos trabalhos referidos, Paulo André Rodrigues foi ainda encarregue da tarefa de sistematização dos pedidos de material para publicações que, com regularidade, nos chega (para além da catalogação das diversas revistas com artigos publicados sobre o atelier).

Durante esse trabalho (só aparentemente menor) foi obrigado a aperceber-se de uma série de diferentes *medias* e operações, entre os quais a preparação de desenhos para publicação a partir dos desenhos de projecto o que lhe deu, no meu ponto de vista, quer uma visão mais aprofundada de alguns dos trabalhos do atelier como, também, e sobretudo, uma visão da *coerência* dos diversos discursos possíveis já que foi obrigado a lidar com *reduções de informação* e, como tal, obrigado a compreendê-las em *extensão*, para as poder, depois, "economizar".

Fiquei satisfeito com o contributo que Paulo André Rodrigues trouxe ao ambiente de trabalho do atelier e com a evolução que, ao longo do tempo, foi mostrando; a melhor comprovação deste amadurecimento gradual terá sido o facto de o convidarmos, em Abril de 1998 (a meio do seu estágio académico, portanto), a ingressar nos quadros da nossa empresa.



(Manuel Graça Dias)

Lisboa, 31 de Agosto de 1998



